

# Caderno de Literatura

Porto Alegre - Novembro 2003 - Ano VII - nº 11

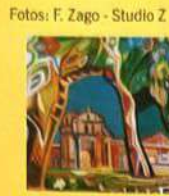




Hilda Mattos



Alice Soares



Inês Benetti

Fotos: F. Zago - Studio Z



Plínio Bernhardt



Ariadne Decker



Carmen Medeiros



Rosy Moreno



Milton Schaefer



Esther Bianco



Elizabeth Costa

Dez artistas participantes da *Exposição Missões Jesuíticas do Brasil* ilustram nossa capa.

## Caderno de Literatura

### Presidente da AJURIS

José Aquino Flôres de Camargo

### Vice-Presidente Cultural

Elisa Cánovas Teixeira

### Diretor do Departamento de Cultura

Jorge Adelar Finatto

### Conselho Editorial

Antonio Guilherme Tanger Jardim

Carlos Saldanha Legendre

Jorge Adelar Finatto

José Carlos Laitano

Paulo Porcella

### Jornalista Responsável

Claudia Chiquitelli – Reg. Prof. 7572

### Revisão

Niamara Pessoa Ribeiro

### Assistente Editorial

Fernanda B. Rodrigues

### Projeto Gráfico

Karin Kazmierczak

### Pré-impressão e Impressão

Gráfica Editora Pallotti

### AJURIS

Rua Celeste Gobbato, 229 – 5º andar

Porto Alegre – RS – CEP 90110-160

Fone: (51) 3284.9000 – Fax: 3224.6844

E-mail: [ajuris@ajuris.org.br](mailto:ajuris@ajuris.org.br)

Tiragem: 25.000 exemplares

Distribuição gratuita

Apoio: Banco do Estado do Rio Grande do Sul

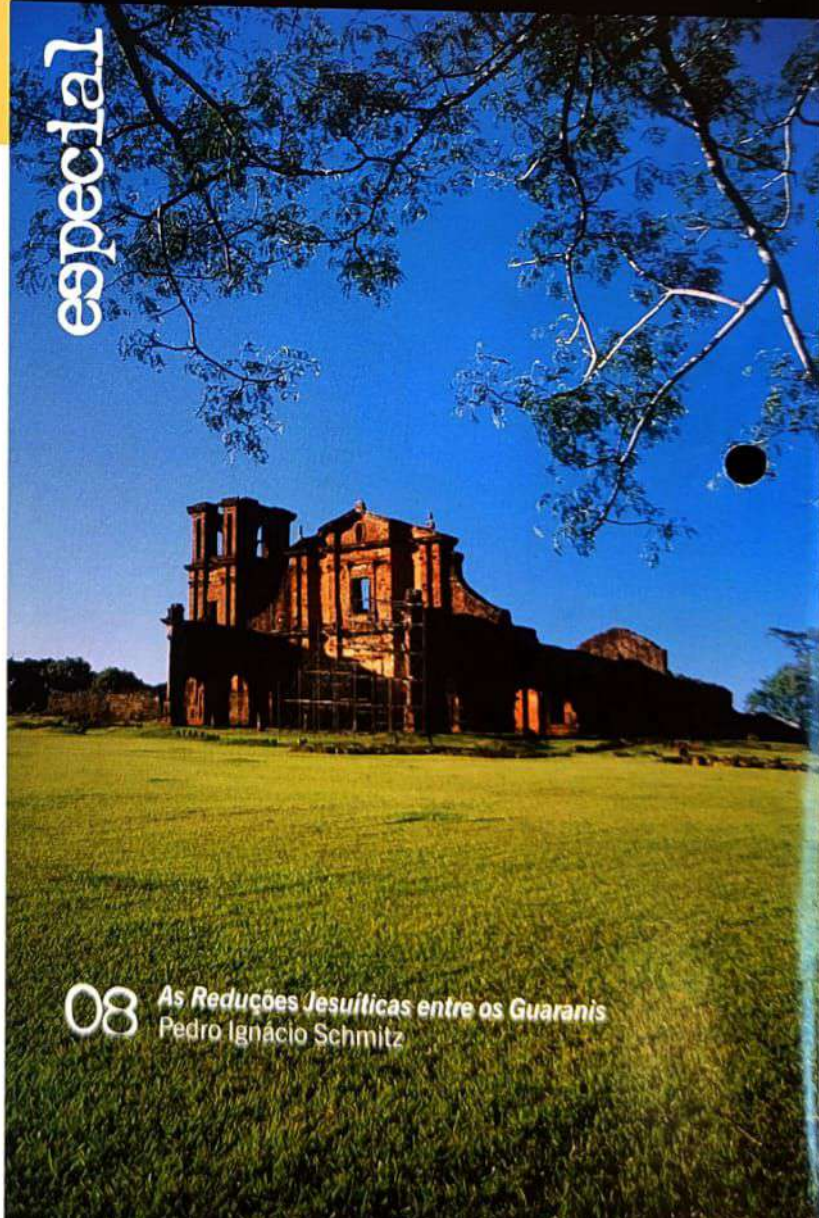
O Caderno de Literatura não é vendido, e todas as colaborações são feitas a título gratuito. É distribuído aos magistrados brasileiros e portugueses, a escolas, universidades, agentes e entidades culturais de diversos estados e países de língua portuguesa.

A memória cultural é nosso assunto.

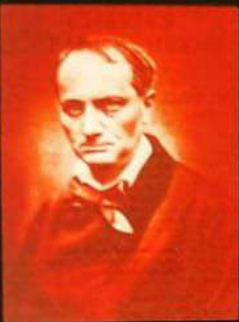
# Caderno de Literatura

Novembro 2003

- 04 *A verdadeira história do Rio Grande*  
José Aquino Flôres de Camargo
- 05 *Correio*
- 06 *Ventura*  
Jorge Adelar Finatto
- 07 *Missões*  
Luiz Antonio de Assis Brasil



- 08 *As Reduções Jesuíticas entre os Guaranis*  
Pedro Ignácio Schmitz



# artigos

- 15 *Viagem ao passado missioneiro*  
Eduardo Tavares
- 16 *Imagens atuais das Missões*  
Círio Simon
- 18 *Charles Baudelaire: horror e êxtase de viver*  
Carlos Alberto Alves Marques
- 20 *Feira do Livro de Porto Alegre: um modelo que deu certo*  
Roque Jacoby
- 21 *Lembrando Mario Quintana*  
Clovis Goulart Ponzi
- 22 *Relendo Gilberto Amado*  
José Vellinho de Lacerda
- 24 *A palavra como arma dos lidadores do Direito*  
Marco Aurélio Costa Moreira de Oliveira

*O vento triste de novembro* 25  
Newton Fabrício

*Via crucis* 26  
Ilton Carlos Dellandréa

*Benditos sejam os cães* 27  
José Afonso da Silva

# contos

# crônicas

- 28 *Lindos lírios de Santa Luccia: história de uma canção*  
Irineu Mariani
- 29 *Eu macambúzio, tu sorumbático*  
Ícaro Carvalho de Bem Osório
- 30 *O perfume de Silvana*  
Afif Jorge Simões Neto



*Moacyr Scliar: um imortal da ABL reverencia o Rio Grande do Sul* 31  
Claudia Chiquitelli

# entrevista

# música

34 *Chove lá fora*  
Tito Madi

*Elegia das mãos falecidas* 35  
*Por eles*  
*Condição*  
Oscar Bertholdo

*Foto de Sebastião Salgado* 36  
*O jardim de Anita Malfatti*  
José Eduardo Degrazia

*Cinco Marias* 37  
Fabrício Carpinejar

*O sétimo dia* 38  
Élvio Vargas

*Tempo e amor* 39  
Carlos Alberto Bencke

*Destino*  
Maria da Soledade Sampaio

# poemas

40 *A perda do filho*  
Maria Cecília Fernandes Álvares Leite

41 *Minha casa*  
Adauto Suannes  
*Ambigüidade*  
José Nedel

42 *Tambores distantes*  
Adair Philippsen

44 *Ponto de almoço de São Miguel*  
Tadeu Martins

# A verdadeira história do Rio Grande

José Aquino Flôres de Camargo

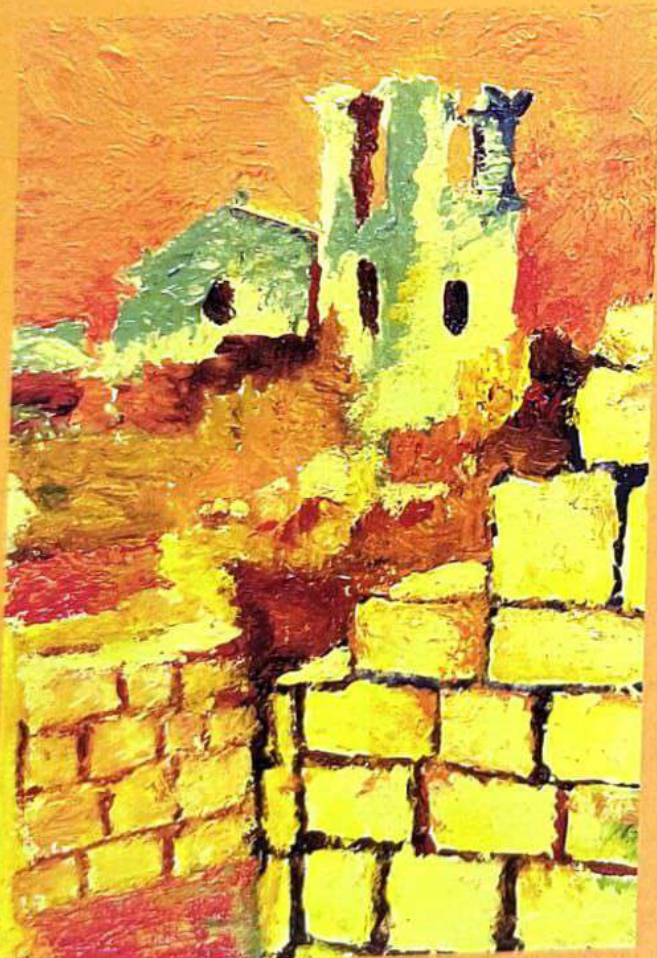


Foto: Tadeu Martins

Ruínas de São Miguel I  
Tadeu Martins  
Técnica: tinta acrílica sobre algodão cru

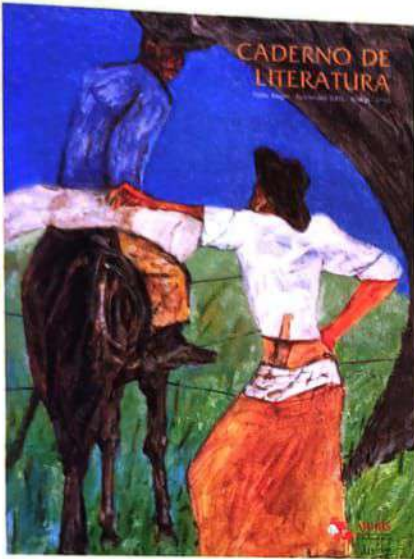
A verdadeira história do Rio Grande do Sul se confunde com a consolidação da civilização avançada no oeste do nosso território: as **missões jesuíticas**. Com o aldeamento de índios guaranis, tendo como escopo a cristianização, padres espanhóis organizaram bibliotecas nos redutos, a par de desenvolverem, entre outras atividades, a fundição de metais, o manuseio de artes plásticas, o incentivo à música com criação de orquestras, já revelando a veia cultural de nosso povo.

Não é exagero de linguagem dizer que o Rio Grande nasceu Missioneiro. E culto! A verdadeira história gaúcha se reflete, assim, na saga missioneira.

Daí a feliz idéia do nosso **Caderno de Literatura** em render, nesta edição, um tributo a tão significativa página da nossa gente. E tal se dá, coincidentemente, em um momento extremamente delicado da vida nacional, em que a AJURIS, ao lado de outros segmentos organizados da sociedade, resiste com energia à tentativa de desconstituição do Estado Democrático de Direito.

Em tal contexto, não é demasia comparar a postura da AJURIS ao grito de guerra do índio Sepé Tiaraju. Na defesa intransigente das instituições democráticas, tentando fazer ver que elas não estão à mercê de um governo ou de um partido político, tem nossa Associação, de uma forma ou de outra, tal qual o herói missioneiro, bradado aos quatro ventos no plano nacional: **"esta terra tem dono, esta terra tem dono, esta terra tem dono..."**.

José Aquino Flôres de Camargo é Presidente da AJURIS e Desembargador do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul.



Quando eu vi a capa do Caderno e depois o artigo do escritor Luiz Antonio de Assis Brasil, decidi que queria dar conta da revista no SAAL (Suplemento Açoriano de Artes e Letras). É um trabalho magnífico de grafismo e bom gosto.

**Vamberto Freitas**  
Professor da Universidade dos Açores

Ainda não a li, mas desde logo me chamou a atenção o facto de a Associação de Juristas ter uma revista literária tão interessante e graficamente tão apelativa. Quanto ao fragmento do meu poema, descontextualizado, é certo, ganha uma dinâmica muito especial com o enquadramento fotográfico (apesar de não ter sido escrito para a foto).

**Urbano Bettencourt**  
Poeta, ensaísta, Professor da Universidade dos Açores, autor do fragmento de poema citado na matéria do Caderno

Hoje, ao chegar a casa para o almocinho (um luxo a que ainda nos podemos dar, por aqui, esse de ir almoçar a casa), vi a revista que enviaste. Agradeço-te, Luiz Antonio de Assis Brasil, e, olha, li o teu bellissimo artigo sobre a literatura açoriana.

**Carlos Tomé**  
Jornalista da Radio Televisão Portuguesa dos Açores

Estou cursando o 2º ano do curso de Letras, em Brasília, e através de um advogado tive acesso ao Caderno de Literatura n.º 10. Fiquei encantada e até surpresa. Acho louvável a iniciativa de despertar nas pessoas o interesse pela própria cultura. Todos sabem que há "uma cultura", mas poucos sabem como fazer uso dela. Se todos, assim como os Senhores, fizessem aquilo que está ao seu alcance, poderíamos nos orgulhar de uma civilização melhor. Não que nossa civilização não seja "boa", mas com certeza poderia melhorar. Se as crianças ainda cantassem as antigas cantigas de roda, talvez não houvesse tanta criança prestes a dar à luz outra criança, por exemplo. A civilização tem que progredir, mas com sabedoria.

**Aline Chaves**  
Brasília - DF

Belo, impecável, culto, dinâmico, atual, repleto de "engenho e arte", o Caderno está excelente, majestoso. Meu desejo de perene SUCESSO a toda a equipe. E um agradecimento especial ao Dr. Jorge Adelar, que, republicando a minha velha crônica, proporcionou-me a alegria de prestar, assim, uma renovada homenagem ao grande Bandeira.

*Ab imo pectore.*  
**Maria da Soledade Sampaio**  
Porto Alegre - RS

O Caderno de Literatura é realmente ótimo em seu conteúdo, no papel e na capa. A apresentação, no editorial *Contra vento e mar alto*, com o encantador Arlequim, é um primor; os poemas *Com chuva*, *Silêncio no ateliê* e outros são todos muito bons. As fotos são belíssimas e os artigos de vulto. Foi um ótimo presente de Natal enviado! Meus sinceros votos de que o Caderno de Literatura de Porto Alegre continue sempre lindo! Fico contando as horas para poder recebê-lo novamente.

**Ivonne Botkay**  
Rio de Janeiro - RJ

Acuso o recebimento da maravilhosa edição de novembro de 2002 do Caderno de Literatura. Parabéns pela alta qualidade da revista, principalmente das selecionadas matérias, todas reveladoras de cultura, arte e bom gosto.

**Geraldo Plínio Rocha**  
Juiz de Direito aposentado - ES

Chegamos ao final de mais um ano de realizações e, quando contabilizamos o ativo e o passivo de nossos ideais, podemos observar que o tempo não foi suficiente para que o saldo fosse credor a nosso favor. Achamos sempre que o desperdiçamos em tarefas inúteis, obsoletas, sem nada termos deixado para o futuro.

Ao lermos, porém, o Caderno de Literatura, mara-vilhosamente editado por essa Associação, podemos constatar que a vida não se resume apenas em atividades materiais, pois, como diz a canção "Nuvem Passageira", exprimem estas apenas uma realidade ilusória, que aos poucos vai-se diluindo pela força inexorável do tempo.

A todos os magistrados gaúchos responsáveis pelo trabalho editorial do Caderno de Literatura, meu abraço especial, fazendo votos para que 2003 seja verdadeiramente o ano de transformações políticas para o engrandecimento da Justiça brasileira.

**Fausto Vicente Monteiro de Sá**  
Juiz aposentado  
Goiânia - GO

Diante do encanto dos Cadernos de Literatura, que tenho a honra de receber, só tenho uma palavra: Obrigada! Que o Deus Menino continue iluminando a mente de quem faz das letras a expressão do belo!

**Iracema dos Santos**  
Rio Grande - RS

E viva o Caderno de Literatura da AJURIS, excelente presente natalino. Gostei de tudo: fundo e forma. Uma alegria ver algo assim! Avante! Abraço fraterno da

**Stella Leonardos**  
Rio de Janeiro - RJ

# Ventura

Jorge Adelar Finatto

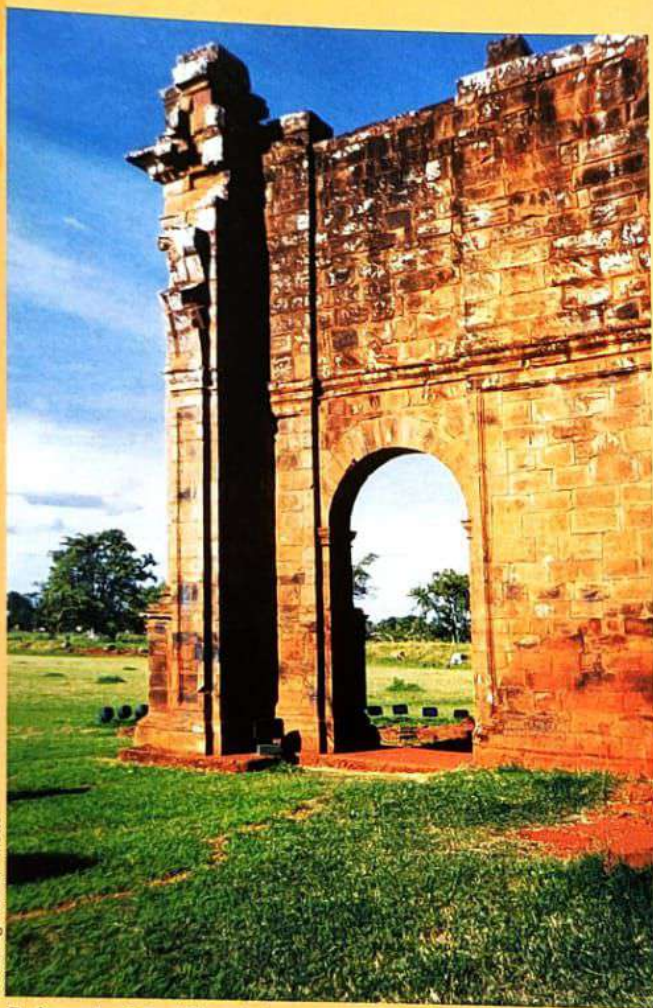


Foto: Jorge Adelar Finatto

Ruínas de São Miguel das Missões

Do fundo do tempo  
emerge a cidade harmoniosa

O que nos liga à vida é um fio muito tênue. Traço de luz, sopro divino. A gente nunca sabe quando o encanto vai quebrar-se. A obra do artista é um grito em meio ao silêncio, risco luminoso na escuridão profunda. Aquele que cria acende a lamparina, levanta o archote. A arte registra o mistério e a fragilidade da nossa passagem pelo mundo.

A vida de cada pessoa encerra uma missão. Nas origens da civilização do Sul, encontramos a existência daqueles que fundaram a essência do que somos. O nosso jeito de ser e ver o mundo. O respeito ancestral à convivência com o diferente na raça e na cultura.

Inquietantes, esses ventos de novembro não dão trégua. A nós, os sobreviventes. Invadem as ruas, arrastam os viventes, os cabelos, as folhas, as sombras. Cantam seu lamento nas praças.

Para onde irão esses fortes ventos, que cheiram a flor de cinamomo na manhã fria? Para São Miguel das Missões, talvez.

Os fantasmas vagueiam pelas ruínas missioneiras. Anseiam por manter iluminada a Missão na memória dos vivos. Andarilhos rotos no redemoinho das páginas do livro esquecido.

Em novembro, o coração procura itinerários perdidos. Surge o bosque na planície, o azul de um céu em concha sobre aquela gente que canta enquanto trabalha. Ali, naquele lugar pleno de horizontes, tudo clama contra o esquecimento.

Do fundo do tempo emerge a cidade harmoniosa.

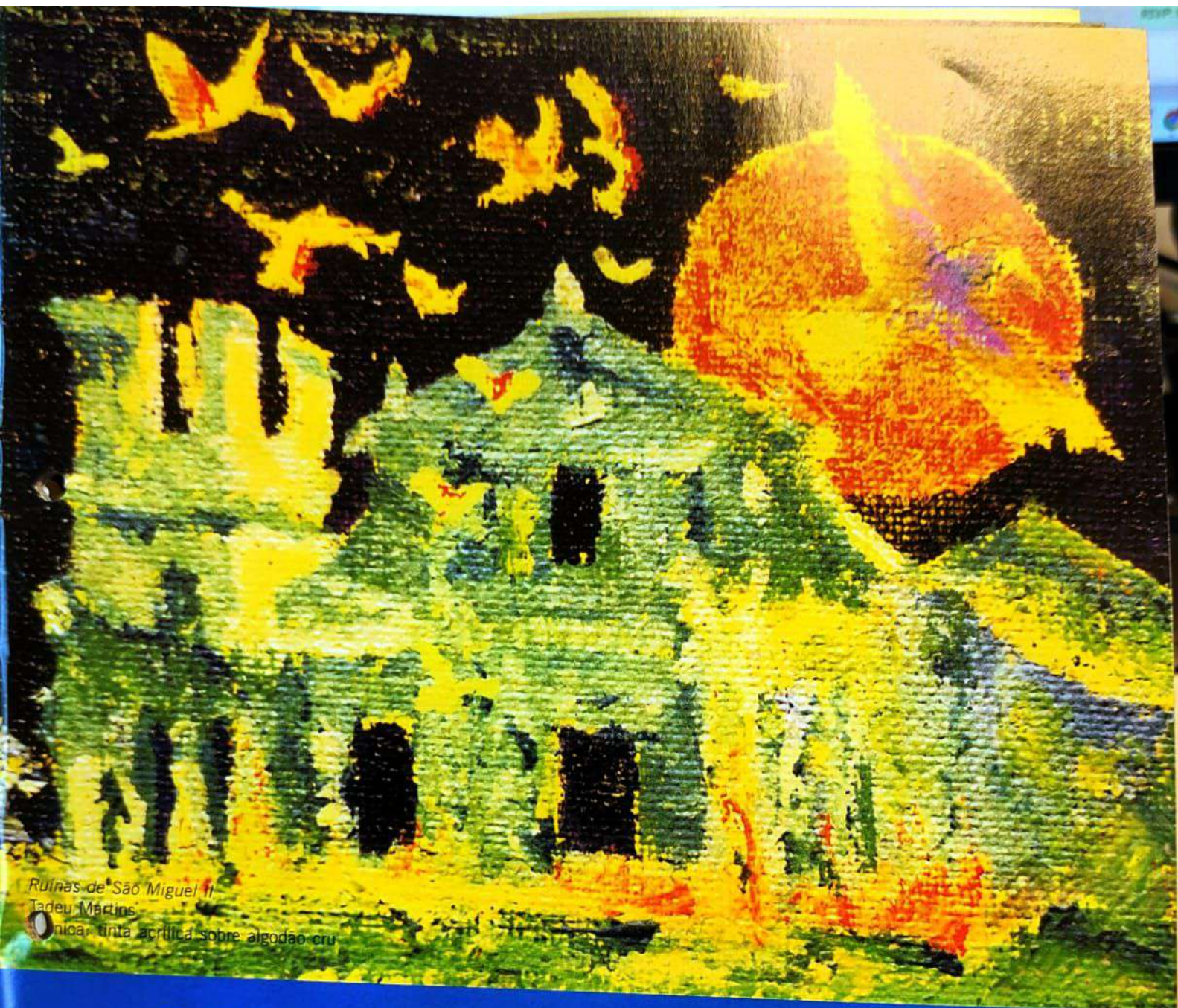
Habitada por índios senhores da terra e jovens padres que tecem a utopia. Ergue-se do nada a clara povoação. O sonho real do justo viver.

A vida em si, sem muita riqueza, e sem humilhação. Os tempos difíceis, repletos de injustiça e excesso de vaidade, vieram depois.

A Missão - a cidade dos humanos encontros - não se perdeu. Vive em nós. Trazemos a esperança de que a breve vida de todos os dias pode ser muito mais bonita e justa. Como a do povo missioneiro.

Com seus anjos que caminham ao lado das pessoas.

Jorge Adelar Finatto é Diretor do Departamento de Cultura da Ajuris e Editor do Caderno de Literatura. Juiz de Direito em Porto Alegre - RS.  
Correio eletrônico: finatto@tj.rs.gov.br



Ruínas de São Miguel II

Tadeu Martins

Única: tinta acrílica sobre algodão cru

# Missões

**AS** Missões Jesuíticas na América do Sul constituem-se em fato único na História da Humanidade: os padres da Companhia de Jesus, acreditando na certeza de tudo o que faziam, e desejosos de cumprir o mandato divino que lhes cabia, retiraram os índios do período neolítico e os levaram diretamente para o Renascimento europeu; ensinaram-lhes a cantar, a pintar e a esculpir; disseram-lhes como escrever em espanhol e latim, e como prever os eclipses. Deram-lhes, enfim, tudo o que a ciência e a arte de seu tempo permitiam. Essa generosa conduta dos homens de Santo Inácio, longe de merecer uma reprovação *in limine*, deve ser entendida em seu tempo: as modernas lições de respeito às diferenças e à diversidade, tão divulgadas e aceitas, eram totalmente desconhecidas nos séculos XVII e XVIII. É preferível a ingenuidade visionária dos jesuítas aos barbarismos

levados a efeito pelos conquistadores militares espanhóis que, por não entenderem os índios, massacravam-nos e roubavam-nos. Já é hora de acabarmos com o infantil preconceito contra a experiência missioneira. Afinal, nossa época não tem nada a ensinar a ninguém em termos de respeito aos direitos humanos.



Foto: Gil Calvane Gozchi

Luiz Antonio de Assis Brasil é um dos mais importantes romancistas brasileiros. Autor, entre outros, dos livros *Videiras de Cristal* e *Cães da Província*, ambos pela Editora Mercado Aberto, e *A Margem Imóvel do Rio*, pela Editora L&PM.

especial

Foto: Eduardo Teranes

# As Reduções Jesuíticas

entre os Guaranis

Pedro Ignacio Schmitz



AS reduções jesuíticas entre os Guaranis nem sempre foram tema de livre trânsito na sociedade culta do Rio Grande do Sul. O título lembrava assuntos mal absorvidos: trabalho missionário, da ordem dos jesuítas, com populações indígenas, num território pertencente à coroa espanhola, fortemente ambicionado por Portugal e seus filhos brasileiros. Os abandonados restos dos chamados "Sete Povos" não eram considerados testemunhos de gloriosos antepassados da sociedade gaúcha, mas ruínas de tradicionais adversários, vencidos e dispersados.

Da situação de exclusão para a de aceitação como patrimônio, ou bens reconhecidos como legado de nossos ancestrais, houve uma passagem consideravelmente rápida, que acompanhou a evolução da sociedade gaúcha, brasileira e mundial.

Em inícios do século XX, historiadores jesuítas do Rio Grande do Sul ocuparam-se intensamente com o tema "missão entre os Guaranis" e o ressuscitaram como memória da Ordem. No Congresso Católico (*Katholikentag*) dos descendentes de alemães do Sul do Brasil, em 1939, na localidade de Caaró, os três missionários jesuítas ali assassinados em 1628 tornaram-se foco emocional e religioso da então florescente população de origem alemã, que os assumiu como seus heróis. Na década de 1940, o arquiteto Lúcio Costa fez o estudo das ruínas de São Miguel, estudo que serviu de base para o restauro do monumento e seu reconhecimento como patrimônio, agora, da nação brasileira. Na década de 1950, o Movimento Tradicionalista Gaúcho assumiu a igreja de São Miguel como ícone do movimento e transformou o cacique José Tiaraju em "São Sepé", o grande herói que teria desafiado as tropas demarcadoras de limites com sua lendária proclamação: "Esta terra tem dono e nos foi dada por Deus e São Miguel". Muitas outras promoções ocorreram, houve publicações literárias, pesquisas históricas e escavações arqueológicas e as missões se tornaram, também, Patrimônio da Humanidade. Hoje, até os índios Guaranis que migram pelo Estado, em busca da "terra sem males", se dizem descendentes dos jesuítas, "aqueles grandes construtores de missões", e reforçam sua identidade iniciando a mítica viagem acampando diante das ruínas.

A história das missões entre os Guaranis mostra uma típica faceta da expansão européia, no começo da Idade Moderna, que vinha conquistar, administrar, explorar e transformar o Novo Mundo. Para isso, ao mesmo tempo em que transplantava populações européias para constituir os núcleos do povoamento, transformava as populações nativas, buscando dar-lhes nova estrutura e fisionomia européia.

Diversas ordens religiosas foram convocadas para a conversão e transformação dos índios americanos. Para as missões brasileiras os jesuítas já foram trazidos em meados do século XVI; na América espanhola, onde foram precedidos por outras congregações religiosas, eles foram admitidos mais tarde e a sua instalação na Bacia Platina se deu apenas em 1607. As primeiras reduções com índios datam de 1610.

Embora houvesse diversas populações nativas na área, sua atividade principal, que ecoou fortemente na Europa, foi voltada para os Guaranis. Com as outras populações os resultados foram, geralmente, pouco satisfatórios.

Para não supervalorizar o trabalho nas missões é preciso lembrar sempre que havia mais jesuítas nos colégios das emergentes cidades coloniais da província (um total de dez instituições), e que, já em inícios do século XVII, a universidade mantida pelos jesuítas na cidade argentina de Córdoba concedia títulos acadêmicos válidos em todo o império espanhol; naquela cidade se formavam os novos membros da Ordem.

Os Guaranis eram uma população numerosa, talvez mais de um milhão de indivíduos, do tronco lingüístico Tupi-Guarani, que apareceram na Bacia Platina ao redor do tempo de Cristo. Ao tempo da conquista européia, dominavam todas as terras férteis, cobertas por matas densas, das bacias dos rios Jacuí, Uruguai, Paraná e Paraguai, mais a planície atlântica meridional, terras que hoje pertencem ao sul do Brasil, ao nordeste da Argentina e ao Paraguai.

De sua origem amazônica, traziam numerosos cultivos tropicais, como o milho, a mandioca, os feijões, a batata-doce, o amendoim, as abóboras, que os haviam transformado em agricultores bastante eficientes. Moravam em aldeias de grandes casas no meio da mata, na qual abriam suas roças, conseguiam madeiras, caça e pescado. Os rios, pelos quais se movimentavam em canoas, eram seus principais caminhos, mas as aldeias também eram ligadas por veredas e havia até um caminho transcontinental, o Peabiru.

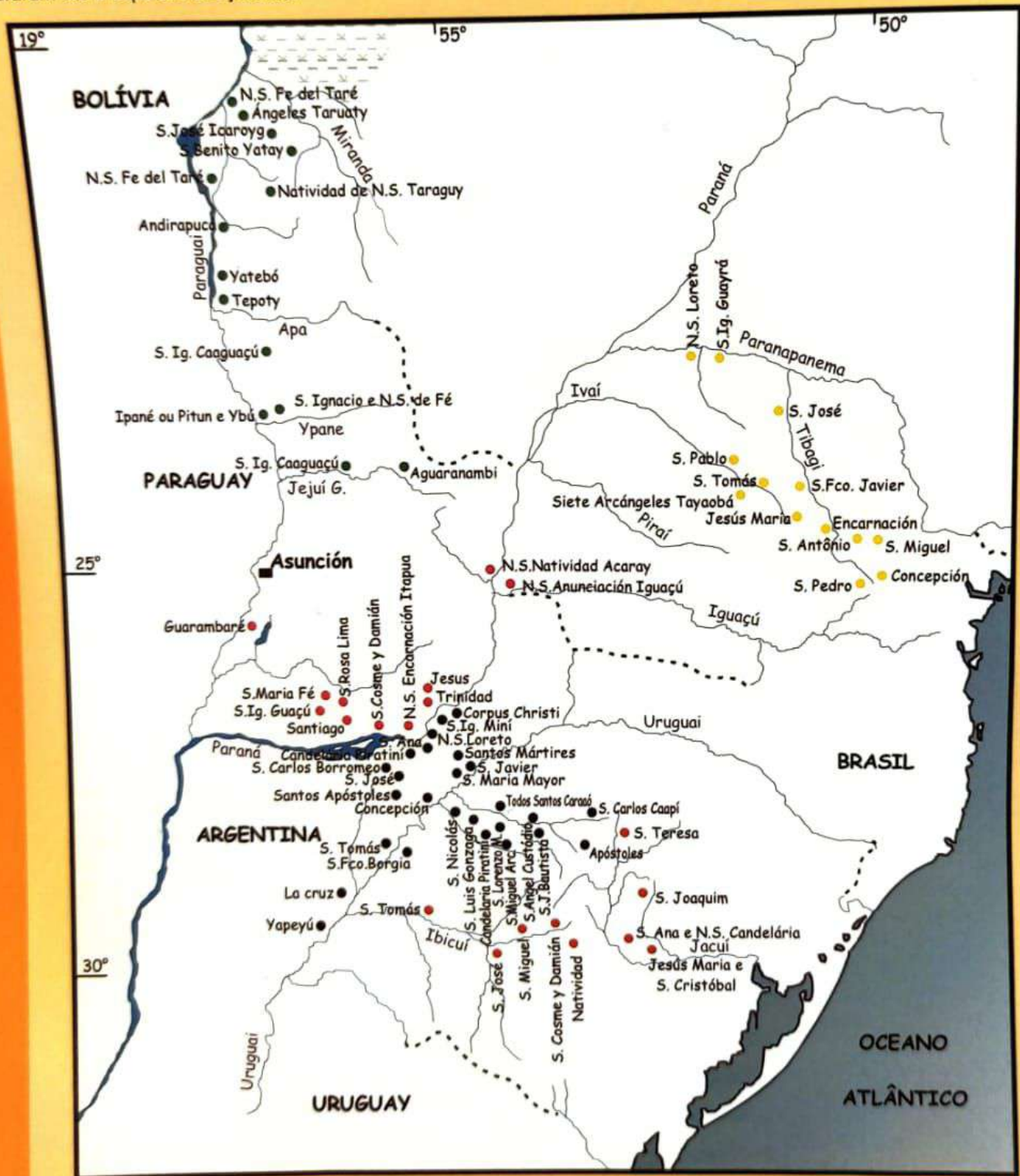
Era uma sociedade igualitária. Nas grandes casas de palha moravam diversas famílias aparentadas ou amigas, sob a coordenação de um líder consensual; as aldeias tinham um coordenador de nível mais elevado, conhecido geralmente como cacique, e, ao tempo da conquista, havia líderes regionais, de grande influência, mas que não chegaram a formar um estado. Os documentos falam também de líderes religiosos (pajés), que tinham muita importância cultural, mas todo e qualquer cacique devia ser, primeiro, um grande "rezador" para, só depois, se tornar, também, um líder político. O Guarani foi sempre muito religioso, o que ajudou o missionário na implantação do cristianismo.

Quando os espanhóis se estabeleceram em Assunção do Paraguai, em 1537, no meio de uma densa população Guarani, só o puderam realizar com o apoio dos caciques, que lhes ofereceram mulheres e a mão-de-obra necessária para movimentar a economia colonial. Os parentes da mulher vinham prestar serviço voluntário para o cunhado branco, e cada morador espanhol tinha à sua disposição uma tribo indígena com a desigual obrigação de cristianizá-la em compensação do serviço prestado. É o que se chamava "encomienda". Ela deu origem à mais nefasta exploração e, no fim do século XVI, a uma revolta generalizada dos Guaranis, que os exércitos coloniais não conseguiram neutralizar.

# Reduções Jesuíticas da Província do Paraguay

a partir de 1609

O mapa indica as regiões em que os jesuítas do Paraguai estabeleceram missões entre os índios guaranis. Os nomes são as denominações antigas dessas regiões: o Itatim ficava no norte do Paraguai e sul do Mato Grosso do Sul; o Guayrá, no centro do Paraná; o Tape, no centro do Rio Grande do Sul. Essas missões tiveram vida curta porque foram atacadas pelos bandeirantes paulistas. As missões junto aos rios Uruguai, Paraná e Paraguai, com 150.000 guaranis, sobreviveram mais de 150 anos. Cada uma dessas missões era uma "Redução". As indicações do Uruguay e Paraguay são as reduções definitivas que duraram até a expulsão dos jesuítas.



- ITATIM (1631-1659)
- GUAYRÁ (1610-1630)
- PARAGUAY
- URUGUAY
- TAPE (1631-1636)

Adaptado de Bodo Becker, 1. 1982. Literaturas Indígenas. Petrópolis, Arqueologia n. 47.

Diante do fracasso das tropas, o governador da província chamou o superior dos jesuítas, que pouco antes se tinham instalado em Assunção, para que o ajudassem a dominar os rebeldes. Desta forma nasceram, em 1610, as três primeiras reduções jesuíticas entre os Guaranis: uma no Paraguai e duas no Guairá, atual estado do Paraná, todas com índios "encomendados". Já anteriormente os franciscanos tinham criado reduções semelhantes, também com índios comprometidos com os espanhóis.

Estas primeiras instalações missionárias dos jesuítas estavam sujeitas a muitos contratempos, porque o fazendeiro, ao qual os índios estavam ligados, podia requisitá-los, a qualquer momento, para seu serviço, prejudicando e até impossibilitando as atividades das missões.

Diante do problema, o provincial dos jesuítas, junto com a administração provincial, apelou para a antiga legislação colonial, na qual se previa que o índio, pagando em moeda o imposto devido ao Imperador, ficaria livre do trabalho para os fazendeiros, que era o pagamento indireto daquele imposto.

No caso das missões, isso teria validade para aqueles índios que os missionários trouxessem para a redução através de seu esforço pessoal, sem ajuda ou guarnição militar. É o que se chamou "conquista espiritual", em oposição à conquista militar.

Com isso as reduções organizadas pelos jesuítas ficaram livres do serviço aos fazendeiros, o que trouxe grande descontentamento por verem estes cerceada a possibilidade de renovar sua mão-de-obra.

Por causa da pobreza das primeiras reduções, de fato, só depois de vinte anos de isenção as reduções começaram a pagar regularmente o imposto devido ao imperador.

Cabia, pois, ao missionário percorrer as aldeias indígenas e convencer os índios a se reunirem em missão, uma tarefa árdua e perigosa, que custou a vida a muitos deles.

É verdade que, muitas vezes, grandes caciques regionais aderiam à missão e levavam consigo não apenas os seus, mas também os seguidores de caciques amigos ou subordinados. Estes grandes líderes deviam dar-se conta de que, entre o descontrolado serviço aos fazendeiros espanhóis e a escravidão no Brasil, promovida pelos bandeirantes paulistas, havia uma terceira opção, com mais liberdade, que era a redução. Às vezes os caciques chegavam a levantar, junto a sua aldeia, uma pequena igreja de palha e uma cruz para atraírem o missionário, a quem mandavam mensageiros para que os viessem "reduzir".

Dessa forma, em pouco tempo, surgiram treze reduções no Guairá, dezesseis ou dezessete no Rio Grande do Sul, quatro ao sul do Pantanal, no estado do Mato Grosso do Sul, outras na Argentina e no Paraguai. Ao todo, foram criadas perto de 60 reduções, com populações Guaranis. Cada uma delas teria cerca de 4.000 a 4.500 índios, agrupados ao redor de seus respectivos caciques, em casas de palha, junto a uma praça, na qual estava a

igreja e a moradia do, geralmente, único missionário.

Dessas sessenta reduções só trinta sobreviveram aos ataques dos bandeirantes paulistas, que buscavam suprir com mão-de-obra indígena as fazendas do litoral, enquanto os holandeses impediam o tráfico de escravos africanos. Assim, foram devastadas as reduções do Guairá, do Rio Grande do Sul e do sul do Pantanal, donde foram desviadas para São Paulo, na qualidade de escravos, muitas dezenas de milhares de índios já iniciados no cristianismo. Os sobreviventes se refugiaram na Argentina e no Paraguai, onde todo o trabalho perdido teve de começar do nada. Os chamados "Sete Povos" (São Miguel, Santo Ângelo, São Luís, São Nicolau, São João, São Lourenço e São Borja) foram criados por descendentes daqueles índios que, frente à devastação de suas reduções no Rio Grande do Sul, se tinham refugiado na Argentina e, depois de cinquenta anos de exílio, resolveram voltar à sua terra e nela reconstruir a sua vida.

As reduções eram regidas pela legislação colonial espanhola, as célebres leis das Índias.

O espaço da missão se estruturava a partir da grande praça. Num dos lados estavam as principais edificações comunitárias: a grande igreja, tendo num dos lados o cemitério, a casa das viúvas e órfãos; no outro, a residência do missionário, a escola, as oficinas, os armazéns públicos. Nos outros três lados da praça, num traçado em xadrez, estavam alinhados os edifícios da administração civil e as "casas de apartamentos" dos índios, cada prédio com seis habitações, uma habitação para cada família.

Nas proximidades do povoado estavam as plantações, em que as famílias individuais cultivavam o seu sustento, mas também os campos coletivos de algodão, de erva-mate, de fumo, de trigo, de uvas e de cana-de-açúcar. Também estavam ali os pastos com currais, onde permaneciam as reses destinadas ao abate na temporada, bois de canga, cavalos, mulas e ovelhas. Mais longe estavam as vacarias com centenas de milhares de reses e os ervais nativos.

Os homens adultos trabalhavam nos campos de sua família durante quatro dias da semana e os dois restantes nos campos coletivos. Os adolescentes e jovens solteiros, nas horas que ficavam livres das aulas, da catequese e das orações, atuavam nas roças comunitárias. As mulheres cuidavam das casas e fiavam o algodão, quando não acompanhavam os maridos nas lides agrícolas.

Cada redução era uma unidade autônoma, administrada como um município, com seus alcaides, conselheiros (vereadores), juízes, administradores dos bens comunitários, chefes de segurança, eleitos anualmente entre os caciques e confirmados e supervisionados em suas atividades pelo jesuíta. Inicialmente, o sacerdote era considerado missionário; a partir do momento em que as missões foram transformadas em "doutrinas" (paróquias, 1655), ele passou a ser o seu "cura" (pároco).

As reduções também eram auto-suficientes na produção, distribuição e administração de seus bens. P. Antônio Sepp nos dá uma idéia da diversidade de funções

## Arte e Artistas nas Reduções Guaranis

Hoje, nossa curiosidade se refere à arte nas missões, seu caráter, sua função, seus produtores.

A atenção volta-se, imediatamente, para as muitas estátuas de santos e santas que, antigamente, enchiam as monumentais igrejas das reduções e, hoje, se encontram em museus e coleções particulares, no Brasil, na Argentina e no Paraguai. Fala-se em três mil dessas esculturas, em madeira policromada, que reproduzem um estilo, uma técnica e uma conceituação de clara origem européia, geralmente compreendida debaixo do termo "barroco".

Seu exclusivo caráter religioso chama, logo, nossa atenção. Embora as missões imitassem a administração das outras cidades coloniais, existe um elemento que as separa delas: não há riqueza individual, nem classe média que construa mansões e palácios, precise de educação superior e colégios, possa desenvolver e financiar arte pela arte ou criar artes populares de variada natureza.

A arte das missões estava concentrada no templo da cidade, em seus desdobramentos e dependências (uso, aqui, um conceito amplo de arte significando maior refinamento da obra ou da ação). Ela abarca não só a fábrica do templo com seu ornato e pertences, mas também as ações ligadas ao culto, como o coro dos meninos, as execuções musicais, o teatro religioso ou cívico-religioso dos "mistérios". De tudo isso muito pouco está registrado fora da estrutura religiosa, dos eventos por ela produzidos, incentivados ou supervisionados.

No estudo dessa arte restringimos nossa atenção às esculturas. Hoje elas estão descontextualizadas e muitas vezes *nuas*, sem o dourado e a rica pintura policromática que as *vestia*. Para entendê-las precisamos imaginá-las em seus nichos, nos retábulos de altares ricamente esculpidos e dourados, em grandes templos profusamente ornamentados, reboando com as orações e cantos de uma multidão de fiéis. As estátuas não eram peças para serem contempladas individualmente, ou como obras de arte, mas como partes de um grande espaço religioso.

Representavam as entidades mais importantes do cristianismo: a Santíssima Trindade, Jesus Cristo, a Cruz Redentora, o Corpo de Cristo, a Mãe de Jesus, São José, São Joaquim e Santa Ana (avós maternos de Jesus), São João Batista, os doze Apóstolos e nominalmente São Tomé e São Tiago, outros santos como Santa Rosa de Lima, São Carlos, São Lourenço, São Nicolau, São Cosme e São Damião, os Reis Magos, o Arcanjo São Miguel e o Anjo da Guarda, mais os santos jesuítas recém-canonizados: Santo Inácio, São Francisco de Borja, São Luís Gonzaga, São Francisco Xavier, Santo Estanislau e os mártires do Japão. Estes são os padroeiros das reduções, mas havia muitos outros.

Para se ter uma idéia de sua disposição no templo, cito o missionário P. Jaime Oliver, S.J. "A missão de Candelária tinha sua igreja de três naves, bem ampla, com 16 colunas, bem adornadas e em cada uma delas uma formosa estátua de corpo inteiro; o púlpito de jaspe e talha dourada; o retábulo do altar maior dourado e com esplendoroso acabamento, com seis estátuas de corpo inteiro. Os quatro altares laterais são bons e dourados, com suas respectivas estátuas e todo o corpo da igreja bem adornado de pinturas." \*\*

A redução de Santa Rosa tinha a igreja mais rica. O retábulo do altar-mor exibia 19 estátuas principais; no presbitério havia outras 8 grandes estátuas fixas; no corpo do templo, outros nichos com santos. Como sempre, existiam ainda os quatro altares laterais, com suas respectivas imagens esculpidas.

As esculturas seguiam conceitos e técnicas em voga na

Europa do tempo e recebiam influências dos países donde vinham os missionários, alguns deles bons conhecedores da arte.

Eram esculpidas em madeira que, depois, era revestida com fina camada impermeabilizante e niveladora, sobre a qual se aplicava tênue folha de ouro e/ou pintura polícroma.

Podiam ser grandes, pesadas, com o dorso oco ou plano porque fixas nos retábulos dos altares ou porque encostadas em colunas ou paredes do corpo da igreja; também havia muitas de tamanho médio a pequeno, mais leves, que podiam ser levadas nas procissões ou acompanhar as tarefas coletivas nos campos, como a de Santo Izidro, o lavrador.

A pergunta que sempre volta é sobre a autoria das estátuas.

Registramos nas missões tanto sacerdotes como irmãos coadjutores que eram exímios escultores, muitas vezes também arquitetos. De sua lavra seriam estátuas que se distinguiriam pela concepção e pelo acabamento.

Algumas estátuas foram compradas na Europa ou trazidas pelos missionários, mas destas nem sempre temos documentação fácil. Como distingui-las dentro do conjunto?

Essas duas categorias, com certeza, não respondem pela maior parte do acervo conhecido. A pergunta que fica é sobre a colaboração e criatividade do nativo nesta produção.

Pe. Antônio Sepp, S.J., fala que, na redução de que era pároco, além de dois pintores, havia dois escultores, que deveriam formar um pequeno ateliê, que ele supervisionava todos os dias e no qual também deveria atuar como escultor. Pode-se supor que esse ateliê não só trabalhava em estátuas, mas também em outras peças e ornamentos. Em outras reduções provavelmente haveria ateliês semelhantes, especialmente quando o pároco entendia algo do ofício ou conseguia colaboração de um irmão jesuíta itinerante. As missões mais bem servidas ofereciam treinamento para aprendizes de comunidades necessitadas. Como reconhecer essa atividade nas obras de que dispomos?

Algumas esculturas, geralmente pequenas e simples, sugerem um autor que pouco dominaria a técnica, como o pequeno São Miguel, de um tronco só, representando um indivíduo em pé, de frente, com rosto redondo, cabelo sem detalhamento, olhos arregalados e estrábicos; debaixo dos pés o esboço de um animal, simulacro de um demônio. O tronco foi esculpido em grandes golpes, sem nivelamento; as pernas estão pintadas até os joelhos, mostrando que o corpo estaria vestido. Olhos arregalados e estrabismo também aparecem em outras estátuas pequenas e simples. Poderiam ser indicadores de trabalho indígena?

Um outro detalhe é importante na estatuária missioneira. Encontra-se especialmente em esculturas grandes e bem-acabadas: as cabeças e as mãos são peças nitidamente destacadas no conjunto da escultura. Elas parecem ter sido produzidas separadamente, talvez compradas de outros ateliês; a contabilidade da Província Jesuítica do Paraguai registra, de fato, compra de cabeças e mãos de santos. Os ateliês locais se encarregariam das outras partes da escultura, de seu douramento e pintura, que exigiam técnica, mas não tanta sensibilidade e conhecimento? Não excluimos, com isso, a criatividade indígena, mas aumentamos a sua contribuição.

Só pelo estilo das peças ou as eventuais feições indígenas de algumas delas podemos chegar a boas hipóteses. A análise das madeiras usadas, dos elementos químicos dos materiais empregados na pintura, mais uma cuidadosa revisão dos arquivos da Ordem certamente nos levarão a novas respostas.

Toda essa discussão pode ser importante, mas não modifica, basicamente, o valor delas como ornamento das igrejas e instrumento de uma catequese para toda a vida.

\*\* Estela Auleta. "Breve noticia de la numerosa y florida Cristiandad Guaraní do P. Jaime Oliver S.J.". No livro editado por Regina A.F.Gadelha, intitulado *Missões Guaranis, impacto na sociedade contemporânea*. São Paulo, EDUC/FAPESP, 1999, págs. 135-6.



**São Miguel Arcanjo,**  
140 cm de altura, com sua policromia original.  
IAP/UNISINOS.



**Estátua de São Miguel Arcanjo,** 155 cm  
de altura, uma das melhores peças da  
estatuária missioneira. IAP/UNISINOS.



**Santo Inácio de Loyola,** 200 cm de  
altura, em madeira nua porque a  
pintura se perdeu. IAP/UNISINOS.



**Pequena escultura primitiva de São  
Miguel,** 115 cm de altura, possível  
trabalho indígena. IAP/UNISINOS.



**A Imaculada Conceição,** 200 cm de  
altura, ainda com restos do  
douramento inicial. IAP/UNISINOS.

que existiam na redução de São João, da qual era pároco. Em "Continuación de las labores apostólicas", t. II, p. 267, ele afirma que tem 50 carpinteiros, 20 tecelões, 4 construtores, 12 arneiros, 6 escultores, 10 pintores, 8 pedreiros, 12 oleiros ajudados por mais 80 trabalhadores, 2 padeiros, 2 cozinheiros, 6 enfermeiros, 4 sacristães, 1 sapateiro, 12 curtidores, 2 ceramistas, 2 torneiros, 3 toneleiros, 2 fabricantes de alaúdes e harpas, além de construtores de outros instrumentos musicais. Havia até uma tipografia, que imprimia livros para utilidade das missões.

Como estas pequenas cidades faziam parte efetiva da colônia, seus homens eram muitas vezes convocados como tropas auxiliares a serviço do governo, para o que necessitavam de treinamento militar e comando, a cargo também de oficiais índios às vezes supervisionados por um irmão jesuíta que tinha servido em milícias européias. Em cada redução havia sempre 500 cavalos prontos para entrarem em ação a qualquer convocação das autoridades provinciais.

A missão era o instrumento escolhido pela metrópole para transformar o nativo num participante da civilização européia. As estratégias eram variadas: crianças e adultos eram continuamente catequizados; havia escola para os filhos dos caciques e crianças prendadas; outros meninos aprendiam os ofícios comunitários; o coral dos meninos, acompanhado de execuções instrumentais, estava sempre presente. As meninas eram introduzidas nas atividades domésticas, entre as quais a transformação do algodão em fio era uma das mais importantes; este fio era transformado em tecido pelos tecelões profissionais.

A religião presidia a vida dos missioneiros: a missa diária, a reza do rosário, Santo Izidro lavrador acompanhando as atividades no campo; as missas solenes aos domingos e dias festivos, a soleníssima procissão de "Corpus Christi", tudo mantinha uma sintonia religiosa permanente. As magníficas igrejas, com capacidade para reunir grande contingente de fiéis, construídas por famosos arquitetos jesuítas e levantadas pela mão do índio, multicores e repletas de estátuas, retumbariam o canto coral e a música instrumental, o repicar dos sinos e o troar dos morteiros. Era uma resposta à religiosidade indígena, mas com novos conceitos, novas práticas, novos animadores, um novo estilo, barroco, europeu, jesuítico.

A missão pouco se distinguiria das outras pequenas cidades da colônia espanhola, no estilo, nas práticas, na qualidade de vida. A diferença estava na população, composta exclusivamente por Guaranis e um ou dois jesuítas. Muitos destes eram de origem local, como Roque González ou Antonio Ruiz de Montoya, a maior parte eram espanhóis da metrópole, mas um contingente cada vez maior era composto por cidadãos de outros estados europeus, todos a serviço da mesma causa e sob a mesma legislação.

Não devemos imaginar que tenha sido fácil transformar aldeões livres da mata em cidadãos de um grande império, produtores responsáveis pelo abastecimento de uma grande comunidade e consumidores disciplinados,

participantes de uma estrutura político-administrativa, de uma igreja universal e de uma vida regrada em pequenas cidades.

Entre os elementos de continuidade entre uma e outra vida, que poderiam facilitar a transição, estava a língua original (o guarani), a manutenção dos líderes tradicionais, a acentuada religiosidade, a permanência no espaço em que se tinham criado e no qual haviam enterrado seus ancestrais.

Mas durante os 150 anos de sua existência houve poucos momentos em que fosse tranqüila a vida das 150.000 pessoas que se sucediam nas reduções. Depois dos ataques dos bandeirantes e de múltiplas transmigrações para reconstruir as comunidades em áreas mais seguras, a missão, buscando sem trégua moldar o homem nativo à semelhança do europeu, exigiu a extirpação de velhas estruturas sociais como a família poligâmica dos caciques, a remoção do conflito endêmico entre as aldeias, agravado pelo sacrifício dos prisioneiros capturados, e a substituição, por outro ritual, das orgias alcoólicas em homenagem aos ancestrais masculinos. Ainda precisamos registrar as recorrentes epidemias de varíola, sarampo e pestes, que dizimavam regularmente não apenas os missioneiros, mas também os habitantes das outras cidades coloniais. Para se ter uma idéia da gravidade desse fenômeno, pode-se ler no relatório correspondente aos anos de 1735 a 1742, que uma epidemia de varíola teria ceifado a vida de 72.000 índios das missões, correspondendo praticamente à metade da população. Esta epidemia não veio sozinha, mas acompanhada de grandes oscilações climáticas (enchentes e secas), hoje conhecidas como "El Niño" e "La Niña", acrescidas ainda da ausência dos chefes de família que, durante anos, estiveram a serviço do Império, tanto em guerras contra os portugueses da Colônia do Sacramento como contra os "Comuneros" insurrectos de Asunción.

Para as missões estabelecidas no território do Rio Grande do Sul foi absolutamente desastroso o Tratado de Madri (1750), pelo qual a Espanha entregava a Portugal os Sete Povos missioneiros em troca da Colônia do Sacramento. Como os moradores, cidadãos do império espanhol, se recusaram a abandonar suas cidades, suas magníficas igrejas, casas e propriedades, para entregá-las aos portugueses, seus tradicionais inimigos, o espaço foi conquistado por tropas luso-espanholas que massacraram os indígenas resistentes e ocuparam as cidades. Ironicamente, poucos anos depois, a troca foi desfeita, mas o desastre não pôde ser remediado.

Quando os jesuítas foram retirados das missões (1768) e a Ordem foi supressa, as trinta cidades missioneiras, já grandemente decadentes, não resistiram e a população se desagregou e dispersou: mil e duzentas famílias já tinham sido trazidas para a Aldeia dos Anjos depois do Tratado de Madri; outros grupos, comandados por seus caciques, foram pedir trabalho nas cidades coloniais, se agregaram a estâncias em formação, como o conhecido Pedro Missioneiro do romance "O Tempo e o Vento", ou desapareceram de outras formas. O sangue de muitos deles circula nas veias de pessoas humildes, mas também nas

## VIAGEM AO PASSADO MISSIONEIRO

Eduardo Tavares

Viajar no tempo e espaço missioneiro é uma tarefa bem mais fácil e acessível do que se imagina. Um roteiro completo pelas ruínas, museus e igrejas missioneiras do Brasil, Argentina e Paraguai pode ser feito tranquilamente, via terrestre, em cinco dias, partindo de Porto Alegre. As estradas são boas, os hotéis são confortáveis, os preços são razoáveis e a paisagem é belíssima. O percurso todo não ultrapassa os 2.000 quilômetros.

Saindo da capital gaúcha, a primeira parada pode ser em São Miguel das Missões, lugar tranquilo, com bons hotéis. Ali mesmo localiza-se a mais importante ruína missioneira do Brasil, São Miguel, tombada pela UNESCO como Patrimônio Histórico da Humanidade, assim como San Ignacio Mini (Argentina) e Trinidad (Paraguai). Além da redução, que possui o frontal mais preservado de todas as ruínas, é obrigatório visitar o museu projetado por Oscar Niemeyer e se emocionar com o belo espetáculo de luz e som que todas as noites é apresentado no sítio histórico. As reduções brasileiras de São Lourenço, São João e São Nicolau ficam próximas e podem ser visitadas no mesmo dia e ainda sobra tempo para ir a Santo Ângelo e conhecer a catedral, imponente réplica de São Miguel.

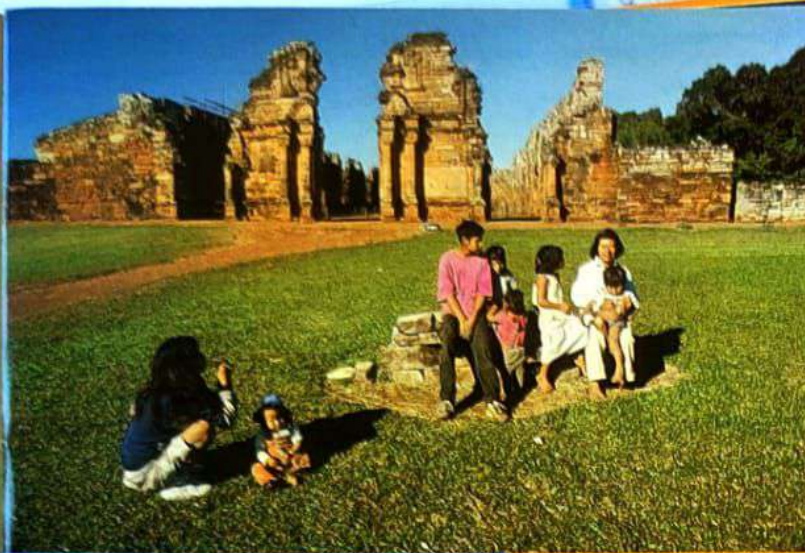
As ruínas das outras reduções que se localizavam em solo brasileiro foram lamentavelmente destruídas, como São Luis Gonzaga, que existia até meados do século passado. Portanto siga em frente, apenas com uma paradinha na catedral de São Borja para conhecer a imagem do santo homônimo, de provável autoria de Brasaneli.

Ingressando na Argentina, começam a surgir as grandes plantações de erva-mate da Província de Misiones. A cidade ideal para servir de base é a própria capital, Posadas, cidade simpática acomodada junto ao rio Paraná, com muitas opções de hotéis e imperdíveis *parrijadas*. Dali chega-se com facilidade às reduções de Candelária, Loreto, Santa Ana, Santa Maria la Mayor e San Ignacio Mini, esta a mais importante e preservada de todas, podendo-se visualizar a organização das casas dos índios e o belo pátio do colégio.

Atravessando a impressionante ponte sobre o rio Paraná, chega-se à Encarnación, já no Paraguai. Os traços guaranis são predominantes, nos rostos, no idioma, na moeda. A cerca de 50 quilômetros da fronteira está a redução de Trinidad, também tombada e, em grande parte, reconstruída. Dessa forma é possível ter uma idéia geral da construção de uma redução. Não mais que a 30 quilômetros de distância erguem-se, imponentes, as paredes de Jesus de Tavarangué. Retornando na direção contrária, alcança-se San Cosme y Damian, Santiago e Santa Rosa, estas duas com exemplares únicos de pinturas missioneiras. Mais adiante está Santa Maria de Fé e San Ignacio Guaçu, onde está preservada num belo museu uma quantidade enorme de estátuas missioneiras. A cidadezinha também é um local tranquilo para se hospedar.

Após conhecer esse impressionante inventário da herança missioneira é hora de voltar no tempo e no espaço, com a certeza de que por estes pagos meridionais a raça humana esteve perto de criar a república ideal de Platão.

Eduardo Tavares é fotógrafo e Docente de Fotojornalismo na UNISINOS.



Acima: Índios guaranis ainda vivem em torno das ruínas em San Ignacio, na Argentina.

Ao lado: Jesus, no Paraguai.

Fotos: Eduardo Tavares

de honoráveis figuras de nossa sociedade.

As cidades missioneiras foram-se despovoando, os prédios, caíndo e a ruína foi apressada, ainda, por sucessivas guerras travadas em seu território por brasileiros, argentinos e paraguaios.

As ruínas, que hoje visitamos com profunda emoção, prestam testemunho dessa fantástica história, nem sempre gloriosa, mas profundamente humana, de índios guaranis e missionários jesuítas, na primeira expansão européia, em território que hoje é nosso e com índios que aqui nasceram, viveram e morreram. Muitos de nossos ancestrais são originários dessa mesma primeira extensão mundial e têm correndo em suas veias sangue indígena contrabandeado. Outros vieram mais tarde e talvez não tenham tido esta mesma experiência. Embora nosso tempo seja diferente, e nosso sangue também, a luta que travamos como homens e mulheres, jovens e velhos, é igual à da história primordial e isso nos une através do tempo. Assim, índios e jesuítas, mesmo que falte uma ligação biológica, até mesmo cultural, se tornaram nossos ancestrais. E as ruínas de sua obra deixaram de ser simples história, ou memória, para se tornarem nosso Patrimônio, como sabiamente fala a propaganda de Salvador da Bahia, e ninguém mais tem razão para duvidar.

Agradeço a Fúlvio Vinícius Arnt por sua colaboração na digitalização e arte final de mapas e figuras.

Pedro Ignácio Schmitz é Diretor do Instituto Anchieta de Pesquisas da UNISINOS. E-mail: anchieta@helios.unisinis.br.

## Imagens atuais das Missões

Círio Simon

O Rio Grande do Sul foi ocupado por um projeto civilizatório singular, ao longo de quase dois séculos, numa parte expressiva do seu atual território. Esse projeto foi destruído e queimado pelo projeto iluminista ibérico, na década de 1750, e depois foi esquecido pelos sucessivos projetos rio-grandenses posteriores.

No início do terceiro milênio, um projeto de imagens tenta ocupar o que foi esquecido, queimado e destruído. Sabemos que as imagens são colocadas pela criatura humana, desde a pré-história, no lugar de algo que não está mais presente.

Os atuais artistas sul-rio-grandenses tentam trazer de volta, para nossa mente, o esplendor de um projeto civilizatório jesuítico, por meio dessas imagens. Elas são índices da busca de um projeto fundante que tinha por base uma mensagem universal (católica) para gente que estava ainda a um passo da natureza e intimamente ligada à sua terra. A singular aventura desse projeto fundante foi comandada por gente nascida em diversas culturas regionais européias e que se expressava numa cultura transcendente sustentada pela Propaganda da Fé e aglutinada na Companhia de Jesus, que se sentia dona do mundo e dos povos. O seu projeto era destinado para um povo formado por tribos cuja cultura estava mergulhada no mundo imanente e cuja dimensão do mundo era o seu clã. A homeostase entre esses extremos se materializou em uma singular rede de cidades, com todos os serviços imagináveis para a época, que expandiram na mesopotâmia dos rios Uruguai e Paraná e adjacências. A era industrial, ainda nos seus albores, decretou o final das missões jesuíticas. A rede das cidades missionárias impregnadas pela cultura colonial européia voltou para a entropia universal da natureza e da memória humana.

O projeto dos atuais artistas sul-rio-grandenses tenta buscar, pela imagem, o que se perdeu na entropia da natureza de um projeto queimado, ultrapassado e esquecido por uma sucessão de outros projetos com paradigmas diferentes daqueles dos jesuítas. O pensamento que conseguiu escapar dessa entropia da natureza e do humano tenta trazer para o presente a base material da imagem que foi seu suporte.

Contudo o pensamento que conseguiu escapar, por mais fiel que deseje ser ao que ele tenta ressuscitar,

está impregnado e sustentado por paradigmas e uma nova infra-estrutura radicalmente diferentes daquilo que desapareceu na década de 1750.

O que aproxima os dois projetos é uma nova globalização. O projeto missionário original fluía do centro para a periferia. O atual projeto inverte intencionalmente esse sentido, fazendo fluir a mensagem das Missões para as demais regiões. Os artistas plásticos rio-grandenses, que aceitaram o atual projeto, adequaram a sua mensagem às imposições da economia e dos transportes atuais. Ao aceitar os rituais dessa economia, comandada pela propaganda e pela publicidade, padronizaram as medidas para o transporte das suas obras.

Se os pincéis dos pintores resvalam, as linhas tremem, se as tintas se sujam e as mensagens ficam no meio do caminho entre os meios artísticos e o ideal que perseguem, é necessário lembrar que tanto os missionários primitivos como os pintores dessa exposição estão mergulhados no mundo da propaganda de projetos civilizatórios que não tiveram condições de amadurecer as suas formas na coerência de sua organização autônoma para sustentar de dentro para fora a obra de arte. Em compensação, a carga do sentido, que lhes é imanente, se irradia por todas as linhas, formas e cores, à semelhança daquilo que acontecera na arte mesopotâmica.

Tanto os pintores quanto os espectadores são atores de frágeis projetos civilizatórios que resvalam, tremem e que facilmente se sujam com guerras e tragédias, como aquela que em 2003 riscou e destruiu os tesouros da Mesopotâmia fundante da cultura ocidental.

As obras dos pintores da atual cultura rio-grandense prestam homenagem ao projeto civilizatório da mesopotâmia missionária e tentam falar, contra inúmeros riscos reais, daquilo que puderam salvar para os seus espectadores. Essas pinturas constituem, ao mesmo tempo, um grito de alerta universal para a fragilidade de qualquer projeto civilizatório que a todo momento pode mergulhar na entropia universal da natureza, do esquecimento, das fogueiras e dos saques da guerra do selvagem predador que mora em cada um de nós.

Círio Simon é Doutor em História do Brasil pela PUC-RS e Docente de História das Artes Visuais do Instituto de Artes da UFRGS.



# Exposição Missões Jesuíticas do Brasil

Coordenador: Adair Ferreira de Souza - Projeto ENARTES

Assistente: Jossenei da Silva Souza

## Itinerário da Exposição:

### Brasil

Porto Alegre - Casa de Cultura Mario Quintana - de 23/04 a 23/05/2003

Guaporé: Casa de Cultura - de 06 a 21/11/2003

Triunfo: Casa de Cultura - de 04 a 19/12/2003

### Portugal

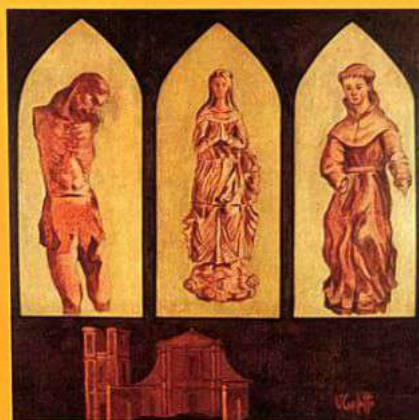
Viana do Castelo - Antigos Passos do Concelho - de 12 a 27/07/2003

Braga - Casa dos Crivos - de 08 a 23/08/2003

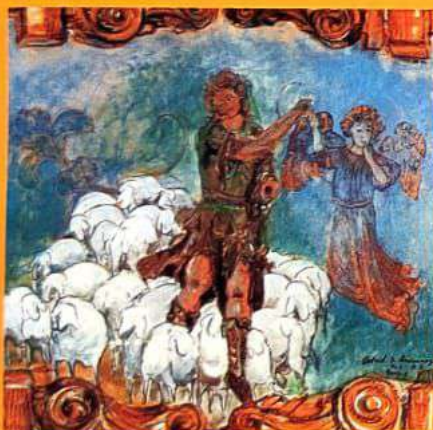
Santo Tirso - Museu Municipal Abade Pedrosa - de 1º a 14/09/2003



Dirce Pippi



Veridiana Corletto



Astrid Linsenmayer



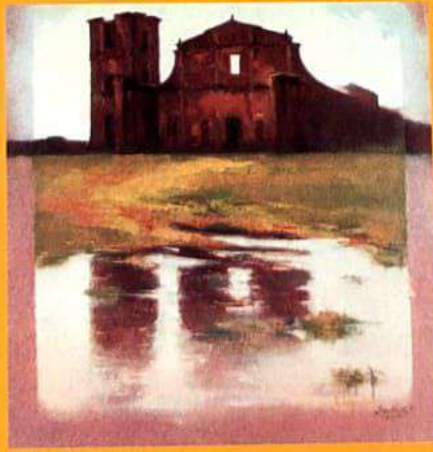
Paulo Porcella



Marta Penter



Vera Soares



Velcy Soutier



Suzane Wonghon



Baudelaire em uma fotografia de Carjat (1861/62)

# Charles Baudelaire:

## horror e êxtase de viver

Carlos Alberto Alves Marques

*"Ninguém me ama, ninguém me quer,  
ninguém de chama de Baudelaire"*  
Isabel Câmara\*

O lamento jocoso da epígrafe, paródia de conhecida canção de Antônio Maria e Fernando Lobo, gravada por Dolores Duran, entre outros, poderia ser do próprio Baudelaire, poeta em conflito estético e moral com seu tempo. Todos sabemos que é comum artista e obra serem incompreendidos pelos contemporâneos. Não raro essa incompreensão vai além do plano estético e desborda para processos judiciais, em nome da defesa, quase sempre hipócrita, da moral e dos bons costumes. Não foi diferente com Baudelaire, obrigado pela Justiça a retirar alguns poemas integrantes da coletânea "As Flores do Mal", obra referencial da literatura ocidental. Dela, o poeta teve lúcida e desolada consciência de que só seria compreendida mais tarde. Nem a universalidade de sua temática livrou-o da incompreensão da sociedade de seu tempo, que, no entanto, acabaria por se render à grandiosidade de sua expressão literária.

De provável fundo psicanalítico, o conflito do poeta com sua época começou no âmbito da própria família. Filho de pai idoso, perdeu-o aos seis anos. A jovem mãe, centro de seu universo afetivo e emocional, logo foi resgatada da viuvez por militar bem mais velho, para sempre visto como um intruso por Baudelaire. A despeito dos esforços, o padrasto jamais teria êxito em impor ao enteado a educação pretendida, com critérios marcadamente castrenses. O resultado foi uma relação sempre tensa e afrontosa, em que até mesmo uma longa viagem pelos mares do Sul foi imposta ao jovem como castigo. Paradoxalmente, essa imposição acabou transformando-se em importante fonte de inspiração poética. O contato com paisagens geográficas e humanas exóticas passou a povoar aquele imaginário sensível e influenciou largamente sua produção literária.

É expulso do Colégio Luís, o Grande, de Paris, por insubordinação. Irredento e brilhante, toma aulas particulares e conclui os estudos fundamentais. Chega, por um momento, a dar esperanças de enquadramento ao

padrasto, que lhe oferece seu prestígio de militar de alto coturno para encaminhá-lo na carreira diplomática. Sarcástico, o jovem poeta faz retornar o ambiente de guerra em família, ao afirmar sua intenção de dedicar-se à literatura. Inscreve-se na Escola de Direito, que jamais freqüentará, e passa a levar vida boêmia no Quartier Latin, em companhia de outros estudantes. Paralelamente às suas amizades no mundo literário, circula no *bas fond* onde contrai uma sífilis que o marcará para sempre e trará conseqüências que, anos mais tarde, o levarão à morte.

Quando atinge a maioridade, toma posse de considerável fortuna herdada do pai. Torna-se rico e livre, o que dura pouco. Seu estilo de vida faz o dinheiro escorrer por entre os dedos. Pródigo, obriga a família a colocá-lo sob tutela judicial, passando seus bens e interesses financeiros ao controle de um notário, cuja gestão acaba sendo desastrosa. Quando a coletânea "As Flores do Mal" é publicada pela primeira vez, em 1857, sofrerá outro processo judicial, a partir de artigo maldoso do jornal Figaro, que chamou a atenção do Parquet. Baudelaire e seu editor são condenados a multa e obrigados a suprimir seis poemas tidos como atentatórios à moral e aos bons costumes. O preconceito desse julgamento só será reconhecido no século seguinte, em 1949, com a reabilitação do poeta pela Corte de Cassação de Paris.

Ao contrário da primeira, alvejada pela fúria oficial, sai nova e ampliada edição de "As Flores do Mal", em 1861, brindada pela indiferença geral. O fracasso ensombrece ainda mais a vida do poeta, de saúde debilitada e preso a fantasias de suicídio. Decepcionado com a França, toma o rumo da Bélgica para dar conferências. Todavia, desconhecido e de oratória medíocre, conhece novo fracasso. Lá, visitando uma igreja, sente um mal-estar e cai doente, piorando progressivamente seu estado. A mãe o reconduz a Paris, onde, hemiplégico e afásico, morre em 1867, amaldiçoando seu fracasso literário. O horror de sua existência encontra essa culminância. No entanto, essa mesma existência conflituosa sempre esteve permeada por momentos de êxtase, de onde vertia sua poética. As duas experiências – horror e êxtase – sempre presentes desde a mais tenra idade, como ele próprio revelou, foram a matéria-

\* Dramaturga e poeta. Texto extraído da Antologia 26 poetas Hoje.

-prima de uma obra poética que ganharia foros de referência maior da poesia universal.

A grandeza poética de Baudelaire e a excelência da coletânea "As Flores do Mal" são sinalizadas já no oxímoro do título. Há nele um paradoxo, aparentemente, não há combinação possível entre flor e mal. Toda sua obra é assim, perpassada por esse jogo combinado de opostos, flor e mal, horror e êxtase, realidade e imaginação, vida e morte, angústia e ideal, ascensão e queda, carne e espírito, Deus e Satã. O verso alexandrino, doze sílabas poéticas, o grande verso da poesia francesa, é o mais freqüentado. Mas o poeta trabalha, também, outras métricas, sobretudo as redondilhas maior e menor, sete e cinco sílabas respectivamente, com rimas variadas, masculinas, femininas, ricas e suficientes, quase sempre com poderoso efeito de sonoridade, musicalidade e ritmo.

A arquitetura do livro não é aleatória. Não se trata de poemas reunidos sem critério. Obedece a um projeto bem preciso: na primeira parte, opõe duas tendências da alma humana, o completo abatimento e a busca do absoluto; na segunda parte, seus poemas mostram a miséria da vida moderna; seguem-se poemas evocativos das tentativas do homem de afastar-se de sua miséria existencial; a lassidão humana no esforço de evadir-se o leva à revolta e ao Mal; por fim, a Morte aparece nos poemas como a única esperança de pôr fim ao tédio e de encontrar uma saída.

A arte poética de Baudelaire tem uma temática universal haurida na alma humana, daí dele dizer-se que é o poeta do tormento do homem. Tem muito do misticismo de inspiração em Swedenborg, de que é exemplo o poema "Correspondências". É a milenar tradição hermética, de "o que está embaixo é como o que está em cima"; é a sua percepção do mundo visível como correspondência de um outro, invisível e superior, em que cada ser humano é uma unidade em expansão na busca de sua correspondência absoluta, o todo universal.

Platônico, em muitos poemas Baudelaire trabalha a temática do abismo, da queda e, como corolário, da nostalgia de um estado adâmico de pureza e ideal, de que é exemplo o soneto "Horror Simpático". Mais um título tipicamente baudelairiano, com figura da linguagem fixando um paradoxo. O amor carnal, na tumultuada relação com a negra Jeane Duval, e o espiritual, nas suas fantasias platônicas em relação a Apolônia Sabatier e a Maria Daubrun, também são dados do seu universo poético e o inspiram em várias criações do chamado ciclo do amor de "As Flores do Mal". A temática da morte - associada ao tempo - é muito freqüentada pelo poeta, assim como imagens macabras de putrefação.

O desconforto de viver, o sentimento de exílio, a nostalgia de um estado de plenitude se encontram no soneto "O Albatroz": metaforicamente, Baudelaire associa o poeta no mundo hostil em que se encontra ao pássaro ferido no convés de um navio, sem a majestade das alturas que conhecera antes. O tédio também tem presença fortíssima em sua poesia; mas o tédio baudelairiano não é mero sentimento de saturação frente à vida, o *mal du siècle* dos

românticos, é muito mais. É o *spleen*, um estado indefinível de angústia sem causa, de que procura evadir-se buscando paraísos artificiais - o ópio, o vinho - ou um mundo imaginário povoado pela mulher, pela arte e viagens por paisagens exóticas.

A vida moderna também é tematizada nos "Quadros Parisienses", em que explora cenas de rua, lembranças da infância, a presença do *spleen* na vida do poeta e a miserável condição humana. Em Baudelaire, a própria dificuldade de escrever, a falta de inspiração do poeta e as dores da criação artística são alquimicamente transmutadas em pura arte poética no soneto "O Sino Rachado". A arte baudelairiana transforma em poema suas experiências humanas, sentimentais, sensuais, espirituais e místicas. Sua grandeza está em que o faz com precisão técnica e riqueza de linguagem, transformando no universo estável e perene da poesia o caráter destrutivo e instável da vida e do tempo.

Charles Baudelaire não fazia arte pela arte, à moda parnasiana da beleza formal bastando a si mesma. Em sua poesia também há técnica formal rigorosa, mas como meio de externar a verdade interior. Era seu modo de encarnar no êxtase da criação poética uma alma atormentada, a sua alma com as intuitivas ressonâncias do Absoluto por que tanto ansiava. Para o grande e sofrido poeta, também crítico de arte, que apreciava tanto falar de espiritualismo, não havia arte e nem artista sem densidade de alma.

Carlos Alberto Alves Marques é Juiz aposentado, Secretário da Corregedoria-Geral da Justiça do TJ - RS. Diplomado em Estudos Superiores Franceses pela Universidade de Nancy 2 (Aliança Francesa de Porto Alegre).

## O SINO RACHADO

*É doce e amargo, quando a neve cai lá fora,  
Ouvir, ao pé do fogo que crepita e que esfuma,  
Aflorarem lentamente as lembranças de outrora  
Ao som dos carrilhões que ressoam na bruma.*

*Bendito o sino de garganta vigorosa  
Que, apesar da velhice, alerta e bem disposto,  
Fielmente emite sua nota religiosa  
Como um velho soldado atento no seu posto.*

*Minha alma está rachada, e quando, em agonia,  
Quer povoar de canções o azul da noite fria,  
Ocorre muita vez que a voz se lbe enfraquece*

*Como o espesso estertor de um corpo que se esquece,  
Junto a um lago de sangue e de humanos destroços,  
E que sucumbe, inerte, entre imensos esforços.*

# Feira do Livro de Porto Alegre: um modelo que deu certo

Roque Jacoby

**ALGUNS** eventos culturais no Rio Grande do Sul surgiram para dar certo. O Festival de Cinema de Gramado, a Bienal do Mercosul, o Porto Alegre em Cena e a Jornada de Literatura de Passo Fundo são alguns exemplos dessas realizações que nasceram graças à abnegação de algumas poucas pessoas para se consolidarem como momentos grandiosos da cultura gaúcha. Entre esses movimentos, não há como esquecer o mais antigo deles: a Feira do Livro, nascida em 1955, por iniciativa do vereador Say Marques e do livreiro Maurício Rosenblatt, entre outros nomes ligados ao comércio dos livros.

A História registra que a Feira do Livro foi inspirada por um problema bem prático: o acesso aos livros era difícil. Eles estavam expostos nas livrarias em estantes de vidro fechadas, evitando-se, assim, a sujeira e a manipulação. Pensou-se, então, numa maneira de colocá-los à disposição das pessoas, e uma feira, inicialmente com apenas nove barracas, foi nascendo na Rua da Praia.

Essa idéia tão singela vingou, e em 2004, vitoriosa, completará 50 anos. Hoje, é um patrimônio da comunidade rio-grandense. Livreiros e editores, através da Câmara Rio-Grandense do Livro, organizam-na, mas ela segue sozinha como uma conquista cultural do nosso povo. Ninguém imagina Porto Alegre sem uma Feira do Livro do final de outubro a meados de novembro.

Cada manifestação cultural encontra seu espaço, e a Feira do Livro construiu seu perfil a partir de um evento inserido numa praça pública em que milhares de pessoas têm acesso democrático aos livros, sem terem que necessariamente adquiri-los, embora os descontos substanciais em seus preços sejam uma das tantas atrações do evento. É comum ver muitas pessoas seduzidas pelas ofertas das caixas de saldos, onde muitas obras interessantes são facilmente encontradas pela avidez do olho mais atento.

É bom saber que ano após ano a Feira se fortalece como o evento cultural mais popular do Rio Grande do Sul. O livro serve de cenário e pretexto para fortalecer e acolher outras manifestações culturais, rompendo fronteiras com a presença de outros países.

Dá gosto ver as crianças e os adolescentes de olho nos livros, graças a iniciativas como a Feira do Livro Infantil. E

também causa prazer notar que espaços nobres como o Museu de Arte do Rio Grande do Sul, o Memorial do Rio Grande do Sul, o Santander Cultural, o Centro Cultural Erico Verissimo - CEEE e o Clube do Comércio, localizados em torno da Praça da Alfândega, além da Casa de Cultura Mario Quintana, localizada logo ali, a poucas quadras da Feira, atraem multidões e transformam aquele espaço público a céu aberto, distante desse público específico durante o ano, num amplo e efervescente centro cultural cujo teto é o céu azul, às vezes transmutado em uma cascata, quando as chuvas compõem como uma das tradições da Feira, o que não embota seu brilho graças à cobertura de plástico, impecável, que o local tem recebido nos últimos anos.

Acreditamos que seria conveniente começar a pensar na ampliação dos espaços da Feira, estendendo-a ao cais do porto e integrando este à sua vocação natural de ser, num futuro não muito distante, mais um ponto de encontro das atividades culturais de Porto Alegre.

Se não fossem tantos e tão expressivos méritos a credenciar a Feira do Livro no calendário das atividades culturais gaúchas, bastaria mencionar as cerca de 100 feiras anuais espalhadas pelo Rio Grande do Sul e as oficinas literárias em que mestres da arte de compor textos de valor literário ensinam muita gente a amar os livros, a ler e a escrever, inspirações que brotaram a partir da Feira. Novos escritores estão surgindo, e há a constatação objetiva de que o índice de leitura *per capita* já chegou, em média, a quase o dobro do apresentado no Brasil, em relação a outros estados, como resultado do estímulo que o evento provoca no público.

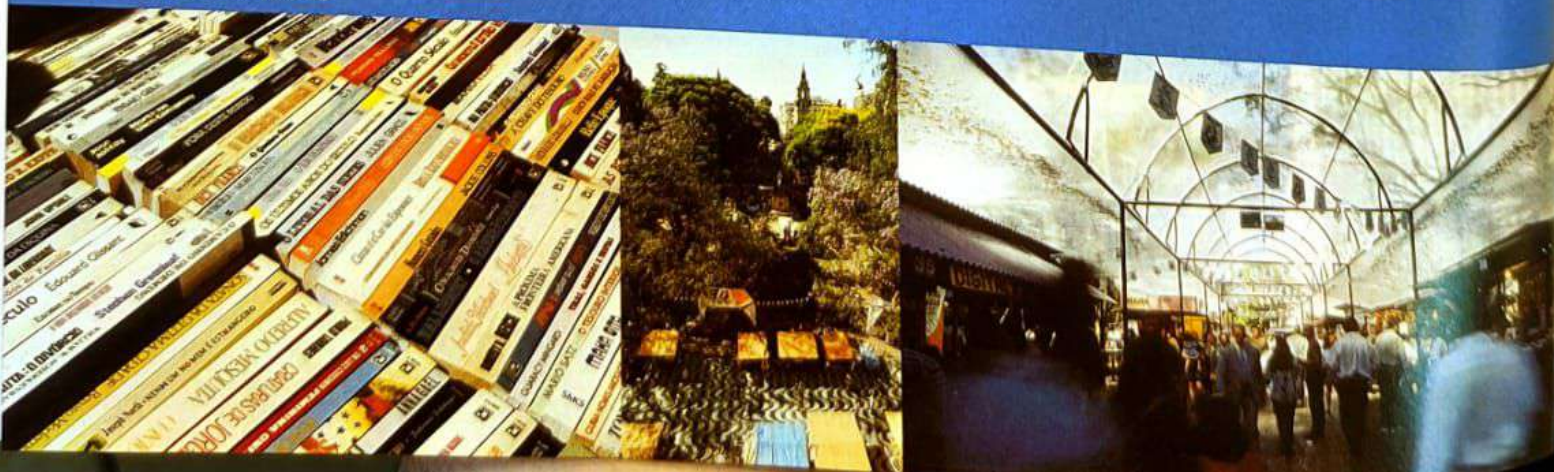
Por tudo isso, resta a pergunta, cuja resposta já está na ponta da língua: é ou não é a Feira do Livro um modelo de evento cultural que está dando certo?



Foto: Vitor Soares

Roque Jacoby é Secretário de Estado da Cultura do Rio Grande do Sul.

Fotos: Eduardo Tavares



# Lembrando Mario Quintana

Clovis Goulart Ponzi

NA primeira vez em que vi Mario Quintana, em 1940 ou pouco depois, estava ele conversando e infinitamente bebendo com o vate Sergio de Gouvêa no botequim da esquina da rua da Varzinha – que burocraticamente se chama Demétrio Ribeiro – com a rua Espírito Santo (a partir deste momento, em homenagem ao Poeta e ao bom gosto, neste relato, usarei os nomes de batismo das ruas e praças e não os da bajulice oficial, de doutores e generais). Era uma tarde como tantas de domingo e com uma zoeira de vespas o rádio transmitia futebol. Eu, então mui guri, achava graça quando o Poeta, volta e meia, com voz lamentosa, implorava ao dono da casa: “Abaixa esse rádio, Quirino...”. Naquela época, meu amiguinho Walter, que morava ao lado, me informava que aquela rua, a da Varzinha, era a tal rua dos Cataventos...

Passados muitos anos, em um final de tarde, numa tasca da avenida Borges, quase na esquina da Riachuelo, estávamos Quintana e eu aperitivando; ele, muito concentrado, escrevendo numa folha de papel-toalha pardo, e eu, fumando e observando-o, curioso, em silêncio. Nisto, amassou e jogou longe o papel, resmungando, e, como eu perguntasse de que se tratava, respondeu que era “uma merda”. Pelas dúvidas, e já sendo ele quem era, apanhei o papel amarrotado e guardei-o no bolso. Já na casa de meu pai passei a limpo uma poesia assim: “A florzinha crescendo subia, subia direto pro céu / como na história de Joãozinho e o pé de milho / Joãozinho era eu / na relva estendido / atento ao mistério das formigas, que trabalhavam tanto! / e as torres imóveis, entre vãos ariscos, olhavam, olhavam / e a água do arroio arregalava bolhas atônitas em torno de cada pedra que encontrava / porque todas as coisas que estavam dentro do balão azul daquela hora / eram novas e curiosas como a flor que crescia / e cheias de tímido encantamento de se encontrarem juntas / olhando-se”.

Dias depois, encontrando-nos na rua, perguntou-me se eu ainda tinha o tal rascunho, pois estava comprometido com um jornal de Manaus e faltava-lhe inspiração para versejar por encomenda. Contento estendi-lhe a cópia datilografada, versos singelos que estão hoje na sua Antologia Poética sob o título de “A surpresa do ser”. Eu preferia o original, “Joãozinho e o pé de milho”, bem como o texto primitivo, levemente modificado depois. Enfim, a emenda às vezes sai pior do que o soneto.

Desde então, o grande poeta, em casuais encontros, sempre me concedeu atenção e simpatia, um privilégio, pois as pessoas sabem que não fazia cerimônia em ser rude quando lhe dava na veneta. Por isso, um conhecido valeu-se da minha apresentação para pedir-lhe a opinião sobre um poema que escrevera em francês. Foi no Mar del Plata, rua da Praia perto da esquina da rua Clara (quem não souber qual é a rua que um

dia se chamou Clara que me desculpe). Quintana repousou o copinho de pinga na mesa do bar, enquanto lia. Depois entregou o manuscrito ao moço e disse, sem dó nem piedade: “Isso não é poesia e nem francês...”. Houve um silêncio e, depois de um largo trago, como que para desanuviar o ambiente, perguntou: “Por falar em poesia, vocês gostam do Catulo?” Para descontraí-lo, eu respondi logo: “Claro. Luar do Sertão, Cabocla Bonita, Ontem ao Luar...”. “Pois é - continuou Mario Quintana - uma vez no Rio, visitando o Catulo, na saída, escrevi no livro de visitantes: - Ao ler os teus versos tem-se / esta impressão verdadeira / não és da Paixão Cearense / és da paixão brasileira - E o poeta do Sertão gostou muito...”.

Já em São Lourenço do Sul, onde servia como Promotor de Justiça, narrei o encontro e falei dos versos ao Mario Ferreira de Medeiros, o Juiz de Direito que vinha de Pelotas três ou quatro vezes por semana. Mario Ferreira de Medeiros, que mereceria um capítulo à parte, um desses homens excepcionais que nunca deveriam morrer, olhou-me surpreso e falou: “O Quintana te disse que os versos eram dele? Mas não são dele, são de ... Fulano de tal. O Brasil inteiro sabe...”. Fiquei espantado.

Decorridos uns dois meses, novamente em Porto Alegre, à uma e meia da madrugada, na Praça XV, defronte ao Mercado, tomávamos o bonde-fantasma juntos, Mario Quintana e eu, ele muito loquaz, eu, por justas razões, lacônico e contido. Lá pelas alturas da Independência, comecei a desabafar: “Conversando em São Lourenço com o Mario Ferreira de Medeiros...”. “Ah, o Mario Medeiros – interrompeu –, culto, inteligentíssimo... e de que falaram?”. “De muitas coisas... inclusive de ti. A propósito, ele me disse que aqueles versos no livro do Catulo não são teus, são de Fulano...”. O poeta ficou longo tempo em silêncio, depois, me encarando com infinita candura, perguntou: “Mas não são bonitos?!...”.

Naquele instante, compreendi que era ele, ainda, o Joãozinho, dentro do balão azul do universo de magia e sonhos com que nos enfeitou. E logo ali, nos Moinhos de Vento, no antigo Prado, perto de uma ruazinha, irmã talvez daquela do muro com cartazes rotos “anunciando alegria, risos, muito depois de o circo já ter ido embora”, se despediu e desceu do bonde, e enquanto ele descia recordei o final daquele soneto do Caderno H: “... eu quero os meus brinquedos de criança / eu sou um pobre menino, acredite / que envelheceu um dia de repente... Acredite, sim, e já o tinha absolvido quando ele, na calçada, passando sob a luz do lampião, voltou-se, abanou-me levemente com um sorriso travesso e desapareceu na noite.

Clovis Goulart Ponzi é Procurador de Justiça aposentado – RS.

# Relendo Gilberto Amado

José Vellinho de Lacerda



**Gilberto Amado**  
Foto: Grande Enciclopédia  
Delta Larousse, volume I,  
p. 286 - 1972.

**LIVRO** bom é o que se relê. Foi com renovado encantamento que recentemente voltei a ler a autobiografia de Gilberto Amado. No gênero memorialismo, só conheço outra obra que se lhe equipara: a do mineiro Pedro Nava. Sergipano de Itaporanga, Gilberto Amado nasceu em família numerosa e pobre. Teve sérias dificuldades iniciais até tomar pé na vida. Adolescente, mas já formado em Farmácia, mudou-se para Recife, onde ingressou na Faculdade de Direito. A pensão em que foi morar dá a medida de sua penúria: *O barulho, o vaivém, o furdunço, gente entrando e saindo, criada gritadeira, cabrocha de seios frouxos, arrastando os pés descalços, moscas, tantas e tão pegadiças, tornavam a permanência em casa um suplício. O meu quarto, em que mal cabia a cama de ferro rangente e enferrujada, dava para o pátio onde se amontoava o lixo, que fermentava, chegando até, às vezes, a vaporar. Do enjôo que me causava o cheiro vinham-me engulhos e freqüentes vontades de vomitar. (...) Sedentário, em consequência da impecuniosidade total, impossibilitado de manter-me na pensão pela zoadaria, fedentina e remelexo do ambiente, sem meios sequer de comprar os compêndios do ano, passava as tardes à frente da Livraria Nogueira. Em Sergipe, o verbo chimar significa desejar gulosamente com os olhos um prato saboroso. Eu chimava aqueles livros, devorava-os de fora com os olhos ardendo* (Minha formação no Recife, págs. 9, 11 e 13).

Quem poderia imaginar que, com um começo assim, alguém depois pudesse chegar às culminâncias de Consultor Jurídico do Ministério das Relações Exteriores, sucedendo a Clóvis Bevilacqua; a Presidente da Comissão de Direito Internacional da O N U; a Embaixador em Santiago, Helsinque, Roma e Berna; no plano político, a

Deputado Federal e Senador da República; no literário, a membro da Academia Brasileira de Letras! Mas voltemos à biografia. Aos poucos, a sua situação foi melhorando: passou a lecionar Química e um dos alunos era o gerente do *Diário de Pernambuco*. Por sua mão, ingressou no jornal, primeiro como simples coletor de conhecimentos de carga dos navios e depois como autor da coluna "Golpes de Vista", nos quais iriam exercitar-se, na ginástica da produção quotidiana, faculdades alertas, mas ainda incoesas no meio de tantas solicitações de leituras e de estudo. O certo é que elas se revelaram tão nítidas que seus escritos logo alcançaram sucesso, contando-se entre os leitores cativos vários de seus professores na Faculdade. Um deles, o de Direito Penal, aprovou-o, com distinção, sem que ele sequer tivesse aberto a boca, tão ignorante que estava do assunto. Depois, inquirido por Gilberto sobre o motivo de tal atitude, respondeu: "A distinção foi para o autor de 'Golpes de Vista', não para o estudante do quarto ano" (ibidem, p. 248). Envergonhado, decidiu especializar-se na matéria e fê-lo tão bem que, pouco depois de um ano de formado, voltou à Faculdade para lecioná-la. Para tanto, teve de retornar a Recife, porque, mal obtido o diploma, mudou-se para o Rio, onde se dedicou ao jornalismo, com o mesmo êxito. Através dele, granjeou a admiração e a amizade de Pinheiro Machado, que depois o introduziu na política. Também graças a outro artigo, em que focalizava Lauro Müller, sucessor de Rio Branco no Ministério das Relações Exteriores, ele o chamou e incumbiu-o de fazer um estudo na Holanda sobre as condições e o processo de colonização nas possessões das Índias Ocidentais. Foi sua primeira ida à Europa.

E aí surge o cronista de viagem. *Não há uma rua de Paris, um aspecto, uma face da cidade, que não comporte a possibilidade de volumes. O passado nos agarra pela gola e nos diz: "Aqui estou!... Veja quanta coisa tenho para você!". O presente nos sorri e nos pergunta: "Está me namorando? Não estranho! Aproveite!"* (Mocidade no Rio e primeira viagem à Europa, p. 168). E como aproveitou, nesta e nas viagens seguintes! A Paris das primeiras décadas do século passado, descrita por quem já a conhecia de leitura volumosa e lhe era apaixonado! Um encantamento que, através do estilo leve e envolvente, soube transmitir ao leitor. Embora desse ênfase a Paris, também esteve nessa viagem em Genebra; em Haia, desincumbindo-se da tarefa confiada e onde privou com

Graça Aranha; em Londres, Veneza, Florença.

Da leitura desses livros – História da minha infância, Minha formação no Recife, Mocidade no Rio e primeira viagem à Europa, Presença na Política, Depois da Política –, um aspecto que sobressai é a capacidade do autor em, com traços rápidos e firmes, descrever pessoas com tanta nitidez, que elas parecem saltar vivas à nossa frente. Colegas de pensão, de faculdade, de Câmara, de Senado. Assim, Souto Filho, que cursava o terceiro ou quarto ano, amarelo, magríssimo, pequenino, de Garanhuns, animado de uma mobilidade de inseto, humorista de aldeia, futuro deputado federal e jogador de pôquer nato. Andava aos pulinhos como um gafanhoto (Minha formação no Recife, p. 121). Sabino Barroso, um esqueleto elegante, límpido de inteligência e limpo de caráter, uma das mais puras realidades da política brasileira, polido, mas distante, acessível somente a poucos, cuja saúde frágil me fazia pena e cuja morte enormemente senti (Presença na Política, p. 34). Colares Moreira, rotundo, jovial, um barril de bondade, conhecedor de assuntos, unanimemente respeitado (ibidem, p. 82). Euclides Malta, molão, afrouxado na cadeira, dentes fortes, sonolejava durante as sessões, jiboando suculências do vasto apetite satisfeito (ibidem, p. 84). Souza Filho, orador nato, falando sempre bem, ainda melhor quando ignorava o assunto (ibidem). Carvalho Neto, velhinho de nascença, incapaz de uma meninada, de um grito, de um salto, de uma besteira, queimou as pestanas até morrer. Tornou-se o maior advogado do Estado (ibidem, p. 88).

E a lista poderia continuar indefinidamente... Mas nela avulta a descrição de Epitácio Pessoa e as lições que dela se podem tirar, principalmente nos dias de hoje: Bacharel, sim, mas perfeito, definido no seu tipo, escorreito no seu molde. Nada de enfiamentos e requififes na sua estrutura. Isso e – supremo requisito aos meus olhos – nada de citações bobas, de floreios e superfluidades nos seus trabalhos jurídicos. Essa praga do Brasil, a citação, que tanto me agasta e entristece, jamais encontrou em Epitácio Pessoa o favor que sempre lhe deu a maioria dos advogados brasileiros. Vejo na França e na Suíça pareceres dos maitres, duas páginas, três, no máximo. Conclusões nítidas, úteis aos juizes. O Direito dito, deduzido, apresentado com a dignidade do Direito. Desonrar-se-ia um jurista que transcrevesse páginas de livros para o Tribunal. O juiz profere a sentença, como deve fazer, sem “apoiar” a sua opinião em autores que pode ter compulsado para se esclarecer e não para mostrar. A opinião do juiz, por isso que vai tornar-se lei, deve possuir o laconismo da lei. O uso do livro como exibição se tornou mania no Brasil. (...) Livro é instrumento, aparelho de “Sandows”, paralela, barra de fazer exercício, meio de fortificar o indivíduo por dentro, enriquecê-lo, aviventar-lhe a originalidade, coisa para ser usada e não para ser ostentada. (...) Os pareceres de Epitácio lembravam, pela precisão modelar do enunciado e pela firmeza clara das conclusões, os de Lafayette. (Presença na Política, págs. 75/76).

Fins de 1930. Gilberto Amado voltava da Europa, apreensivo com a reviravolta política no País. Senador da



República Velha, ligado a Washington Luís e adepto da candidatura Júlio Prestes, seu futuro antecipava-se sombrio. Companheiro de viagem, o Embaixador da França chegou a oferecer-lhe asilo político. Não aceitou. Arrostaria o que lhe viesse pela frente. Fora colega de Getúlio na Câmara, mas nunca se haviam aproximado. Exceto ter sido levado de bordo direto para a Chefatura de Polícia, onde teve de prestar informações a Salgado Filho e a Batista Luzardo, nada lhe aconteceu.

Conseguiu transferência da Faculdade de Recife para a do Rio e passou então a lecionar. Algum tempo depois, Getúlio chamou-o a Petrópolis. Queria que participasse da “obra do Governo”. Constrangido, respondeu que sua carreira política findara em 1930 e que estava vivendo, do ponto de vista intelectual, a vida que sempre desejara viver, a de professor, em contato com os moços.

Tenho que terminar. Lástima é que esses retalhos, transcritos como simples amostragem, ficam esteticamente prejudicados quando extraídos da ambiência mágica do contexto. Tanta coisa deixei de mostrar de um homem que viveu intensamente a vida.

Uma vida fascinante, contada em páginas antológicas de autobiografia.

José Vellinho de Lacerda é Desembargador aposentado - RS.

# A palavra como arma dos lidadores do Direito

Marco Aurélio Costa Moreira de Oliveira

A palavra, escrita ou oral, sem dúvida, é a mais poderosa e a verdadeira arma dos que lidam com o Direito. E sempre foi assim, durante todo o transcorrer da história. Os armamentos bélicos, mesmo os mortíferos, têm um tremendo poder e uma enorme força intimidativa; mas as palavras podem muito mais que a força, por atuarem de modo mais duradouro e convincente.

Terminada a guerra, cessado o troar dos canhões e o impacto dos bombardeios, os armamentos deixam de lesar, de pressionar e de coagir. Além de não convencerem, pois a força jamais convence, deixam marcas de sofrimentos. Aos poucos, na memória, vão-se apagando as lembranças do poder coativo da violência, vão amortecendo o medo e o temor causado às vítimas. As palavras, ao contrário, propagam-se, ganham amplitude, divulgam-se e, em suma, convencem. Atingem a inteligência dos homens de forma permanente, contribuindo para formar suas convicções e mudar as realidades por elas questionadas. Da violência, resta apenas a esperança de nunca mais voltar a sofrê-la.

As palavras, ao contrário da força, ganham dimensões extraordinárias com o passar do tempo. Compreendidas pela inteligência de alguém, tornam-se duradouras, influenciando no comportamento, por vezes, de modo definitivo. Atingem os homens até mesmo permanentemente, contribuindo para formar suas convicções e mudar as realidades por elas questionadas. Atuam por séculos, formando a cultura das civilizações. As palavras de Antígona sobre o Direito inscrito na consciência dos homens, acima das leis do tirano, permanecem vivas até hoje.

As armas ferem, as palavras convencem.

Até mesmo na comunicação social, as palavras são mais poderosas que as imagens. As imagens mostram cenas comoventes, as palavras interpretam, e a interpretação atinge as idéias da forma mais profunda que se conhece. Servem para estabelecer a verdade além da simples visão, pois não basta ver: é necessário interpretar para poder julgar.

De nada teria valido, como um apelo em favor da paz universal, a fotografia de uma adolescente vietnamita, vítima de bomba de napalm, correndo pela estrada, nua, ferida e aterrorizada pelo brutal ataque de que fora vítima, não houvesse a interpretação, pela mídia de todos os continentes, da absurda cena por ela vivida, ofensiva aos sentimentos de humanismo. As candentes palavras dos jornalistas, censurando a criminosa agressão a civis, certamente calaram de um modo significativamente profundo, interpretando a brutalidade do drama sofrido pela menina e desdobrando as idéias de repúdio ao fato. Não bastava a fotografia, impunha-se a interpretação dos acontecimentos a condenar os atos de força, como só as palavras podem fazer, mostrando a alegria dos homens ao alcançarem uma paz feliz e fecunda. Nisso se demonstra o poder da palavra a soar com vigor permanente em todos os ouvidos e na memória dos povos civilizados, mesmo que a imagem deixe de ser

reproduzida. As palavras de alerta gritam: *não esqueçam nunca a jovem vietnamita atingida por napalm, pois seu pânico e suas feridas serão para sempre um hino pela paz.*

Os lidadores do Direito, assim como demais paladinos da palavra, fazem parte de uma grei de homens revestidos da mais elevada importância na sociedade. Para convencer de seus pleitos e das razões de suas sentenças, valem-se do poder das palavras e das idéias. Quando defendem uma causa ou proferem um julgamento, têm consciência de que somente a vitória das idéias é duradoura. Esse, o verdadeiro poder dos juristas na sociedade e das palavras que utilizam.

É pelo respeito à força convincente das palavras e dos argumentos que nossa ordem jurídica assegura a revisão de julgados pela interposição de recursos. Se não tivessem importância os argumentos veiculados pelas palavras, contidos no apelo a outro juízo de maior hierarquia e experiência, seria desnecessário o princípio do duplo grau de jurisdição. Sem essa duplicidade, não se pode garantir sequer a ampla defesa nos processos, pois o *direito ao recurso é a ela inerente*, como assegura a lei maior. Ademais, o juízo recursal, com seus novos fundamentos, contribui para aprimorar os julgados, solidificando pelas palavras dos tribunais as razões de decidir.

Logo que um fato socialmente forte desperta o interesse coletivo, como a prática de uma conduta capaz de abalar a opinião pública ou de proporcionar a eclosão de uma disputa sobre direitos relevantes, a tendência geral, tão velha como a sociedade, é formar-se uma inclinação imediata, da grande maioria, em favor de uma determinada "solução", geralmente a mais traumatizante. E o que "todos querem", comumente, é a adoção de reações sociais fortes, muitas vezes vingativas, o linchamento, por exemplo, como se a sociedade encarnasse os interesses de alguém vitimado por uma aparente injustiça.

Como dizem os americanos, as "evidências" servem para comprovar a autoria de um crime. A partir delas, de aparências "indiscutíveis", forma-se o consenso. Proclamadas como incontestáveis pelos formadores de opinião pública, antigamente arautos e sacerdotes, hoje grande parte da imprensa, essas aparências sobre ilícitos sempre obtiveram importante repercussão no meio social. E a condenação de alguém passa a ser algo *desejável e inevitável*, afinal *um dos grandes males de todos os tempos e de nossa época tem sido a impunidade*. Foi o que aconteceu com Calas, com Dreyfus, com os irmãos Naves e com tantos outros ...! Afinal, é mais fácil aderir a um generalizado e repetido desejo de vingança do que procurar a verdade.

A história dos processos judiciais demonstra que as opiniões preconcebidas, formadas com antecedência, em inúmeros casos, serviram de base para as mais clamorosas injustiças. Baseado na repetição de decisões contrárias à verdade ou proferidas até mesmo afrontando dúvidas insuperáveis, tem-se levantado a voz pelas palavras candentes



da consciência jurídica universal em favor da presunção de inocência. Os países verdadeiramente civilizados, há décadas, vêm proclamando, pelas palavras contidas nos julgados de suas cortes, a necessidade de somente se condenar alguém quando houver certeza sobre a responsabilidade do réu.

Da repetição reiterada da mais sábia jurisprudência em favor de se presumir inocente o acusado até o trânsito em julgado de sentença condenatória nasceram os dispositivos legais e constitucionais que consagram esse princípio. Enquanto a decisão que condena não for inabalável, definitiva, ninguém poderá ser entendido como culpado. Tanto o juiz que condena como o que absolve dormirão tranquilos sabendo que as palavras de sua fundamentada decisão sofrerão cuidadoso exame do juízo recursal.

Nos diversos países que consagram o duplo grau jurisdicional, esse princípio vem sendo proclamado, em suas letras jurídicas, com a mesma ênfase que se confere à presunção de inocência. Ambos, associados, representam verdadeira pedra de toque das sociedades entendidas como civilizadas. Até mesmo as manifestações de seus romancistas, críticos, juristas, filósofos, cineastas e pensadores em geral expressam a importância desses princípios e o menosprezo às nações que ainda não os adotaram em suas cartas políticas.

P. D. James, no romance *Uma Certa Justiça*, usa uma de suas personagens para afirmar que, em seu país, a lei se baseia na presunção de inocência. Há países nos quais a detenção pela polícia é considerada sinal de culpa, e os procedimentos processuais seguintes são praticamente um 'solo da promotoria'. Devemos dar graças por viver num país civilizado. É claro que a citação não se destina a atacar a atuação do *parquet*. Apenas alerta contra a debilidade, em muitos países, do ordenamento jurídico, ao não respeitar o contraditório e a isonomia das partes. Talvez a culpa se deva à timidez dos defensores que não usam, com a necessária ênfase e reiteração, as palavras apropriadas para fazer valer a presunção de inocência e a força do direito recursal.

Não basta que a ordem jurídica consagre formalmente um princípio constitucional. Enquanto a ele não se conferir absoluta eficácia e valia prática, além de um reverente respeito, de nada valerá sua inscrição em letras de forma nas leis maiores. É necessário que os princípios de garantia dos direitos individuais sejam assimilados pela consciência dos juristas e se inscrevam de modo perene no coração dos juízes.

Representará uma simples e prejudicial hipocrisia afirmar-se que determinado princípio consta da ordem jurídica enquanto os tribunais não lhe conferirem uma reta e verdadeira linha interpretativa e uma constante aplicabilidade. Todos os princípios acabam enfraquecendo enquanto os tribunais não os adotarem ideologicamente e seus juízes não os sentirem dentro de si, como inspiradores de sua preocupação de fazer justiça.

Marco Aurélio Costa Moreira de Oliveira é Desembargador aposentado - RS e Professor da Faculdade de Direito da UFRGS.

# contos

## O vento triste de novembro

Newton Fabrício  
17.4.2003

O *payador*, destoando do seu espírito sempre altaneiro e bonachão, quebra a voz e entoa um canto de nostalgia e solidão, enquanto enrodilha as cordas do violão em acordes entrecortados, como soluços do pranto que o peito esconde e os olhos tristes revelam:

- *Solo en su olvido,*

- *Solo con su espíritu...*

O pensamento voa para mais de dois anos atrás.

Vislumbro o pobre pai lançando o último olhar para o filho que parte no carro fúnebre. Pende na mão direita o chapéu preto do gauchito que partiu, todo pilchado e tão pequeno, tão pequeno...

Respeito o silêncio.

Só se ouve o vento triste de novembro.

O carro fúnebre passa o portão e dobra à esquerda, fazendo desaparecer do olhar o pequeno caixão que leva o piaçito e seus brinquedos: o violão e sua tropilha de bois.

O chapéu ainda pende da mão direita do pai, que parece pensar se devia tê-lo deixado com o filho:

- Isso é tudo o que me restou dele.

É hora de dizer algo.

Que coisa mais triste.

Só me ocorre dizer para o *payador*:

- Não te preocupa, amigo, no céu, gaúcho não usa chapéu.

O *payador* levanta a cabeça e responde um sorriso triste de desconsolo.

Recordo, então, de ti, guri, gaudério que nem teu pai, lutando - aos dois anos de idade - com valentia pela vida.

Perdeste - e todos um dia perderemos -, no derradeiro entrevero, para a grande calavera negra.

Mas ela só conseguiu te levar no último barco a cruzar o rio.

Pois lutaste como um homem.

O pensamento volve ao presente.

A vida é injusta.

Nenhum pai poderia enterrar o próprio filho.

Por isso - e por saber que foste o melhor amigo do teu filho, aquele gauchinho que tanto gostava de cavalos e churrasco - é que te digo: quando o vento triste de novembro trouxer, ainda mais forte, a sensação de tristeza e solidão, tenhas uma certeza: vais ter ao teu lado um amigo como se fora um irmão - e también voy a llorar.

Homenagem a Luciano e Lorenzo Pretto, pai e filho - e amigos inseparáveis.

Newton Fabrício é Juiz de Direito em Porto Alegre - RS.  
E-mail: newfab@terra.com.br

# Via Crucis

Ilton Carlos Dellandréa

COM trinta e três anos de idade, apenas, Jesus da Silva caminhava trôpego pelas ruas da vila rumo ao posto do instituto onde precisava consultar. Sabia que estava condenado à morte desde que lhe disseram positivo o exame de HIV. Portador do vírus da AIDS, começou então a carregar sua cruz, as espáduas mancharam-se de roxo e deixou crescer a barba, que arrancava nos momentos de desespero.

No ponto de ônibus, a gangue do Morro da Cruz aplicou-lhe gratuitamente uns safanões e socos na cabeça e no rosto e isso lhe doeu agudamente, como se lhe cravassem uma coroa de espinhos. Caiu pela primeira vez. Um quis atear-lhe fogo, mas os outros impediram. Roubaram-lhe o pouco dinheiro que trazia e teve que continuar a pé, cambaleante, a visão prejudicada.

Não conseguiu, por isso, distinguir se era realidade ou ilusão. Mas pareceu ver sua mãe, confundida com outras mulheres, e ela o olhou contristada, olhos de mãe desesperançada, certamente imaginando que mais uma vez ele aprontara das suas e saíra bêbado ou drogado de um bar, se metera em confusões e acabara apanhando. Sentiram vergonhas diferentes, ela e ele, e evitaram se aproximar.

Continuou seu caminho penoso e logo em seguida encontrou Simão, filho do Cirineu da venda da esquina, que o reconheceu e o ajudou a carregar a sacola na parte do caminho comum a ambos, dizendo-lhe palavras de conforto e tentando aliviar o peso de seus sintomas. Se pudesse iria até o posto com ele, mas precisava trabalhar.

Um pouco adiante, dona Verônica, amiga de sua mãe, o viu da janela do barraco, já na saída da vila, e, condoída pelo seu estado deplorável, com uma toalha úmida enxugou-lhe o suor e limpou um pouco o sangue que lhe escorria na face, com gestos delicados, mas firmes. Abnegada, nada perguntou porque o conhecia e sabia que todas as respostas o constrangeriam.

Jesus caminhou mais algum tempo, pisou em falso num buraco da calçada malconservada e caiu pela segunda vez. Um grupo de meninas que pulava amarelinha do outro lado da rua assustou-se com a queda e correu gritando enquanto ele se erguia. Algumas choraram, não de piedade, mas de medo. Quis gritar, um pouco indignado, que não o temessem e chorassem pelos filhos que um dia viriam a ter, mas conteve a praga na garganta. Levantou-se, dolorido, e a sacola pesava cada vez mais, embora quase nada levasse no seu interior.

Já na porta do instituto, caiu pela terceira vez. Ficou por uns instantes estático, descansando. Foi erguido por um segurança que organizava a fila ao redor do quarteirão e que o levou para o final. Teria que aguardar a vez. Ninguém se comoveu. Uma mulher gorda, de olhos ruins, que caminhava normalmente,

Foto: F. Zago - Studio Z



Solução final - 2002  
Ieda Maria Fernandes Dellandréa  
Técnica: aquarela sobre papel

apressou o passo para chegar antes e postar-se, rapidamente, à sua frente.

Ali mesmo, na fila, dois menores arrancaram-lhe a bolsa e a blusa de moletom, velha, que segurava nas mãos porque sentia muito calor. Ninguém fez nada para impedi-los e os garotos saíram a passo, rindo, vasculhando a sacola, que jogaram fora em seguida.

Quando chegou sua vez de entrar no prédio, enorme para o seu entendimento, notou a placa metálica com o emblema do instituto: a marca lhe pareceu projetar quatro cruzeiros de braços erguidos, sobrepostos, chamando-o. Sentiu-se mais fraco, apoiou-se de costas nela, e ali ficou uns instantes pregado; depois, pareceu-lhe que 17.557 pregos

foram cravados em seu corpo e em seguida morreu.

Um mendigo ainda arrancou-lhe do pulso o relógio velho que trocara dias antes e saiu correndo. Outro, no entanto, vendo que ele estava morto, persignou-se e fechou-lhe, reverentemente, as pálpebras, pedindo um perdão sem sentido e dizendo uma oração ininteligível.

Então formou-se um tumulto e logo apareceu um médico que, com pressa, tomou-lhe a carótida, abriu-lhe um olho, auscultou-lhe o peito e ordenou que o removessem imediatamente para o Departamento Médico Legal.

Muitos dias depois, quando se conscientizaram de sua falta, familiares reclamaram o corpo, mas ninguém soube do paradeiro. Nunca foi localizado. Um vigilante, de nome Ângelo, afirmou que vira, três dias depois da morte, bem cedinho, dois homens de jalecos brancos transportarem um cadáver numa viatura. Percebeu uma etiqueta atada no dedão do pé esquerdo do defunto onde se lia, apenas, "INSS". O chefe do departamento nega o fato.

Na vila surgiram vários boatos, inclusive o de que ele não morreu e voltará um dia, curado, glorioso e triunfante, à frente de um exército de aidéticos recuperados, pois foi internado em um hospital secreto do governo onde haviam descoberto a cura da AIDS.

Há os mais idiotas que dizem que o cadáver foi mesmo levado para a Faculdade de Medicina, para ser dissecado por estudantes e ensinar a futuros médicos como proceder para evitar que ocorra com outros aquilo que aconteceu com Jesus. Mas a esses ninguém dá ouvidos, porque alguns deles já chegaram a afirmar e jurar que o homem chegou à lua, disparate em que ninguém, em sã consciência, acredita, embora todos creiam que o fim do mundo esteja próximo.

Ilton Carlos Dellandréa é Desembargador - RS.

# Benditos

## sejam os cães

José Afonso da Silva

O cão fila dos Senhores do Papagaio tinha sua história, recortada de feitos heróicos na condução de gado nas invernações da fazenda. Um dia, cansou do pastoreio monótono que não mais lhe oferecia glórias de arrebatar curraleiros de longos chifres ou marruás das paragens perdidas, desde que as pastagens foram invadidas por estas testas largas e ovaladas de chifres curtos, cupins dançantes na cadência do caminhar pesado e lerdo. Nada mais dos bufos e rastapés desse gado sertanejo. Lorde simplesmente parou. Aproveitou o monte de cinzas que restou da fogueira de São João, enroscou-se nas próprias pernas a lamber o rabo dia inteiro e não mais deu serviço ao gado lustroso. Baldado Tomás insistisse. Foi jurado de morte, se persistisse nessa preguiça de gata borralheira nas cinzas de São João. Berenice, com seus quatro anos, passava e lhe puxava o rabo. Ele dormia, coçava-lhe a cabeçorra, a orelha tosada, o pescoço musculoso, ele refestelava. Não lhe desagradava a menina de cabelos castanho-claros que sempre ia brincar no amplo pomar, junto ao rego, onde fazia panelinhas de barro, e ali permanecia tempo e tempo agachada no labor infantil. Tomás chama o Lorde e este sequer abana o rabo. Ficou velho, caduco. Mas a idade não era tanta. Enojou da vida de pastor e decidiu, por sua conta e risco, que era tempo de gozar os ócios de uma aposentadoria tranqüila depois de tanto tempo de bons serviços prestados a seus donos.

- Qualquer dia acabo com essa boa vida, prometia Tomás.

Deu-se o caso verdadeiro, contado e cantado por todas as bandas, do Paraopeba ao São Francisco, até além-rio.

*Deu-se o caso verdadeiro,  
Escuta a estória que eu conto,  
Conto e canto sem mais ponto.  
Uma vez um cão boiadeiro  
Saiu das cinzas furibundo,  
Correu e uivou iracundo,  
Num grão feito derradeiro.*

A vaca Cigarra, restolho de curraleiros por ali, preservada por ser boa de leite, essa vaca que nem era baixinha como os de sua raça, mas tinha mistura que lhe dava porte alto, essa vaca tinha o mau vezo de tornar-se uma fera quando parida de novo. Repudiava, nesses primeiros dias de cria, a presença de ser humano a extrair o leite que cabia ao filhote que a língua áspera acariciava de mãe carinhosa e ciumenta. Laranja pintada, focinho negro, guampas pontiagudas arcadas para a frente, bufava naquela tarde no curral, recusando deixar-se prender para a tiragem do leite grosso, o colostro, que lhe intumescia o úbere e as mamas que o filhote não conseguia chupar, sem o que o inchaço doloroso terminava por empedrar o repositório suculento. Sua fúria aumentava cada vez mais, a mais por ver o filho separado em outro compartimento do curral. O Lorde não se dava conta dessa labuta dos homens com a

Cigarra. Roncava no monte de cinzas. Berenice já passara por ali a lhe coçar as orelhas enquanto ia para a beirada do rego fazer suas panelinhas de barro. A vaca, mais e mais enraivecida, avançava sobre a cerca e retrocedia, mas numa hora destas foi com tal ímpeto que atravessou o cercado e tomou exatamente a direção da menina. Tomás desesperou-se, Zacarias gritava. O Nego pulou a cerca ainda na tentativa de desviar o animal. Qual nada! Tomás, num último apelo angustiado, gritou para o cão:

- Vai, Lorde, vai, Lorde, pelo amor de Deus!

Era uma distância razoável. A menina demorou a perceber que estava em perigo. Aí gritou. Foi, aí foi que ocorreu o inesperado. O molosso ossudo, feroz, erguera-se das cinzas, qual fênix renascida, e se arrancou, para interceptar a vaca. Corre, Lorde. Vai, Lorde. Não vai dar tempo... Ah! Deus, não vai dar tempo... Ele está muito pesado. Não vai dar tempo... Seu esforço era imenso. Gordo, destreinado do pastoreio, sua carreira era pesada, até um pouco desengonçada. Grijalva ouviu o alarido. Saiu à janela. Viu em risco a enteada. Desmaiou. Acuda a patroa, Carmelita, gritou Tomás. Vai, Lorde. A vaca avançava desembestada. O Lorde vinha da direita. Esticou-se num esforço supremo. Sua rosnadura ameaçadora atroou no espaço. Pássaros espantaram-se das mangueiras. Poucos metros, a menina parada, sem ação, embatucada. Corre, Berenice. Sai, Berenice. Nem ouvia. Lorde, vai... Pega... O Nego, laço em punho, tenta alcançar. Lorde, num último esforço, saltou no focinho da vaca, mas não lhe abocanhou a venta, como sempre fizera outrora. Rolou ao chão, quase ao pé de Berenice. Desviou um pouco a vaca, que lhe foi ao encaicho. Ele se levantara e, agora, sim, num pulo certo, agarrou-lhe as ventas. Segurou firme, arrastando para o lado, tentando tirá-la de perto da criança, que chorava de medo de que tudo aquilo acabasse rolando sobre si. Veio o Zacarias, retirou-a, enquanto o Nego passava o laço aos chifres da Cigarra e o enrolava firme na mangueira. Foi aí que o Lorde lhe soltou as ventas e agachou ganindo, exausto. Tomás veio e o abraçou chorando.

- Levem ele. Dêem a ele tudo, tudo.

Carregaram-no. Tentaram organizar-lhe cama, mas arrastou-se até as cinzas. A noite gemente, o mundo fugindo, a sangueira da boca fluindo. O coração arrebatado do monstro esforço despendido. Morre a vida, vive a vida. Berenice chorou o amigo que dera a vida para salvar a sua. Os duros homens da faina bruta enterreceram daquela façanha. Enterraram-no debaixo da mangueira junto do rego, escreveram uma lápide na tosca tábuca com garatujas letras garabulhadas no formato descomum desigual: "O mundo seria mais humano se tivéssemos uns aos outros a lealdade e o amor que os cães nos têm. Benditos sejam".

José Afonso da Silva é escritor, professor e um dos mais importantes juristas brasileiros. Autor, dentre outros, do clássico Curso de Direito Constitucional Positivo.

Lindos Lírios de

**Santa**

**Luccia:**

história de uma canção

Irineu Mariani

**ADEUS**, casinha campestre e paisagem! Despeço-me como o jovem de sua mãe. Ele sabe que chegou a hora de separar-se, mas sabe também que nunca poderá abandoná-la para sempre (Hermann Hesse, Caminhada, p. 11).

Comigo foi semelhante quando, ainda menino, vi de cima de um carro de mudança ir, lentamente, ficando para trás a morada, a paisagem do lugar onde nasci, e com elas os parreirais, os pinheirais, os loiros trigais, o cata-vento em cima da laranjeira, o moinho d'água na sanga de águas cantantes e límpidas, ladeada de lírios de inefável perfume silvestre, e a capelinha de "Santa Luccia".

Dizem que na vida todos têm medo de naufrágio, mas dizem também que o pior naufrágio é não partir. Não sei se parti por causa disso. O que sei é que um dia eu parti, partindo-me, pois uma parte de mim lá ficou, como raízes cravadas no chão que a distância enviam seiva aos vasos lenhosos da planta.

Estando longe, e passadas décadas, vivo num mundo permeado de inquietações geradas por múltiplos fatores, como a "velocidade mutacional" (ritmo intenso da vida moderna que produz cultura volátil e descartável); a "teoria da ausência de passado", de Hobsbawn, em "A Era dos Extremos" (destruição dos mecanismos sociais que unem a experiência individual às gerações anteriores); a "teoria do presente contínuo", adotada pelos jovens (não desconsideram apenas a experiência das gerações anteriores, mas também a deles próprios); a "teoria da destruição criativa", de Schumpeter (força revolucionária, não-detível, capaz de transformar tudo a cada instante e excedendo tudo o que até então foi pensado e feito; tudo corre, se agita e circula para atingir meta que jamais é a final; e, uma vez alcançada, fica automaticamente superada).

No campo das - digamos - relações das pessoas, há a "teoria do rompimento com os lugares", pela qual o próprio mundo será um "não-lugar", assim como já são considerados "não-lugares" os grandes aeroportos, os grandes hotéis, os *freeshops*, os complexos turísticos. Os "lugares" têm significados. As pessoas têm vínculos inclusive afetivos com eles. Eles fazem parte da identidade das pessoas. São para elas uma referência no mundo. É diferente com os "não-lugares". Por eles transitam milhares de pessoas, e a nenhuma representam coisa alguma. Ninguém sente saudade deles. São serializados, vazios de significados. São os "não-lugares". Especificamente quanto às relações humanas, há a "teoria da extinção do envolvimento". Tem-se como exemplo o amor virtual. Não elimina a solidão, mas evita o desgaste do envolvimento pessoal. Numa avaliação custo-benefício, pode resultar 50,01%. Assim, já estaríamos na "era do prazer solitário", ou, quem sabe, retornando à "era de Onan" (Gênesis, 38). Nesse terreno, há ainda a "teoria do rompimento da origem". Na década de 1960, surgiu a pílula anticoncepcional, ensejando o sexo sem bebê. Hoje vivemos a possibilidade do bebê sem sexo e, até, por mera clonagem. É o rompimento da origem. Um ser humano não mais precisa de outro para se reproduzir.

Embora vivendo num mundo impregnado de temas

embaraçosos, nunca arranquei minhas raízes de meu torrão natal, onde tudo era simples, puro e belo. Elas são para mim verdadeiras âncoras existenciais, além de serem o resultado da semente da minha realidade, uma realidade de abertura à vida, assim como aqueles lindos lírios à beira da sanga abrindo-se para receber o sol, que eu contemplava com enlevo d'alma quando era menino.

Passadas algumas décadas, para lá retornei. Senti-me como alguém que volta cem anos depois e encontra alguém que ficou cem anos esperando. Foi como o filho que volta para sua mãe porque não a abandona jamais, tal como escreveu Hermann Hesse, mesmo que isso demore um século.

A paisagem? Bastante modificada. Parreirais, pinheirais, pomares, florestas, flores da primavera? Desapareceram vagarosamente, abatidos pela tristeza do abandono. Triste também fiquei eu. Foi a tristeza de quem demora um século para voltar e só encontra tapera, velhos cepos e silêncios. Vi envelhecida minha própria imagem, assim como em "O Retrato de Dorian Gray", na clássica obra de Oscar Wilde. Mas também tive a alegria de reencontrar a casa, desgastada pelo tempo, os lírios à beira da sanga, a capelinha rodeada de palmeiras, as camélias, a bergamoteira e o pé de jasmim. Daí surgiu inspiração para compor *Ave Maria da Capelinha* e *Lindos Lírios de "Santa Luccia"*, cuja letra diz:

*Existe um lugar neste mundo,  
Que eu vivo sempre a lembrar,  
É um lugar escondido na serra,  
É a terra do primeiro lar.*

*Capelinha de "Santa Luccia",  
As camélias e o pé de jasmim,  
As palmeiras e a bergamoteira,  
Tudo isso está dentro de mim.*

*E à beira da sanga havia,  
Lindos lírios de "Santa Luccia",  
Onde eu, menino, ia ver,  
Ver os lírios de "Santa Luccia".*

*Na estradinha serpenteando a serra,  
Que bonito que tudo era,  
Sentindo o cheiro da terra,  
E os aromas da primavera.*

*Os cílios do sol nascente,  
E o passaredo em festa,  
Do oriente ao poente,  
Os cantores da floresta.*

*Depois da porteira, a morada,  
E antes os pinheirais,  
A casa de pomar cercada,  
E as uvas dos parreirais.*

*Papai na cantina do vinho,  
Mamãe fazendo o pão,  
Os irmãos e os loiros trigais,  
Coisas que não esqueço jamais.*

Irineu Mariani é Desembargador, Professor de Direito Comercial na Escola Superior da Magistratura do RS, Compositor, Maestro do Coral da Associação dos Juizes do RS.

# Eu macambúzio, tu sorumbático

Ícaro Carvalho de Bem Osório

**NÃO** sei por que agüentei aquela revoada de tontos a se amesquinham próximos ao que se parecia um patíbulo. Talvez por me faltar a ânsia de alçar vôos mais distantes e mais serenos. Todavia lá estava eu a inspirar, enfim, algum sentimento de lisura naquele conclave de intelectuais nada idealistas.

Displicente, e de soslaio, ousei intercalar minha fala com gestos imponentes, com o intuito de, ao final, trazer à tona o que restou do soçobrar daquelas naus de idéias sobrepostas a uma quase insulada teimosia em aglutinar valores éticos e morais num agrupamento tão heterogêneo.

Os olhos que me fitavam pareciam sugar minha racionalidade, *pari passu* com uma ordenada horda de trombeteiros a anunciarem o fim da cerimônia peripatética. A razão, por vezes, ensaiou ceder lugar ao desabafo, ao desalinho, ao pensamento multífido, como que pretendendo impor uma postura de déspota, daqueles quase saídos dos folhetins de outrora, tocados por uma aura imperceptível de conquistadores das paixões populares.

E não eram – não, não e não –, aqueles que me viam e me censuravam, algozes das minhas idéias e ideais, mas sim censores de um raciocínio que pretendia ser lógico, quase alfabético, mas que era obstaculizado pelo pensar enigmático e pelas expressões faciais multifórmes. Tudo, então, a exigir que o pensamento fluísse tal qual energia cósmica, comprometida esta tão-somente com o auto-sentimento de liberdade, mesmo que passageira.

Insistentes vezes pensei em abandonar a posição estratégica de dimensionador dos atos e fatos da contingência que abraçávamos. O torpor originário da sede de altercância com as voluptuárias manifestações da mente se alternava com o reto desiderato de assoberbar as hostes contrárias com os firmamentos sólidos atinentes aos macilentos valores desde adrede tidos como enunciados de um éden inebriante.

O agitar dos dendritos, em perfeitas sinapses, impôs esmerada atenção aos tantos quantos neófitos aplaudidores da passagem grandiloquente daquela logorréia tormentosa. Houve quem, episodicamente, tivesse o raciocínio açodado pela esperança de que a concretude da simplificação do ser não mais eivada estivesse de canais

que autorizassem a condução ao fenômeno estilizado pelos passionais.

E assim o foi, sob o som tonitruante da estigmatização, que a fecunda e generosa ideação tomou ventos de través e consumou a razão, não só da empática ouvidoria, como do latente e emblemático hermeneuta dos disparates sociais e anti-sociais que lugar ocupavam na mente dos que outrora elegeram a passividade quase oculta e, agora, faziam “todo ouvidos” aos ditames ditos e não ditos.

O silêncio foi quase sepulcral, atendendo aos mandos da sinalização emitida, ainda que dissonante do envelhecido racional. Não sei se fui deveras lacônico ou por demais pueril, mas a sensação de que expus, até desarrazoadamente, era viril, mormente quando os olhares eram ainda de todo penetrantes, quase atingindo o limite do qual, ou se isola da razão, ou dela se permite um contato mais epidérmico, o que, em qualquer caso, beira o insano. Em tudo, contudo, reinou insulada e inusitada proibidade, dispondo, tal qual cosmovisão, e circundando o que restara de impropriedades de matizes não confiáveis.

A compreensão, já tida como concrecível, enfim, de que tudo não foi vil ou em vão, fez-se perene, como a neve dos anos na exausta cabeça dos pensantes que almejam atingir a suposta parte da estrada para a magnitude do espaço conquistado dentro de suas violáceas entranhas.

Destarte, estou eu – e meus botões – mirando minha esguia, mas, então, destemida imagem no espelho da vida, onde vi e revi o que eu era para mim mesmo e para outrens. Não houve impasse, miramo-nos como nunca nos havíamos, e nos dizíamos, frente à indeclinável impotência de fazer ver às criaturas que a abstração do *munus* social tem com a dogmática dos pensadores, atrelada que está ao caráter imanente do homem de bem, este carente e esvaldo de cidadania e apego ao belo e inundante mundo do inter-relacionamento entre as criaturas aqui postas para vencer.

Diziamo-nos, pois, sem cessar: *eu macambúzio, tu sorumbático.*

Ícaro Carvalho de Bem Osório é Juiz de Direito em Porto Alegre - RS.

# O perfume de Silvana

*Afif Jorge Simões Neto*

**TEM** uma classificação para determinados tipos de rastros e uma que considero periculosa, hipnótica. É aquele faro rastreador de um código de identidade que entorpece: perfume de mulher. O perigo está no inexato momento que este ópio ensandece. Às vezes, lírio, avesso, 20 anos. Outras, azaléia, tontura, "mea culpa". E tem aqueles cheiros que não rastreamos, mas que invadem nossas narinas e sentidos: o cheiro da chuva, de domingo, de margaridas, daquela gaveta. E a comprovar que somos eternamente tristes, um dossiê de saudades, atestando que bem que a vida podia ser mais divertida.

Pois para ti relembro, por me queres tanto bem, que apenas Silvana usava o perfume que esses dias senti abrandado no ar, quando passei por alguém que contornava sem pressa os becos poetizados desta Feira do Livro. Meia volta volver, frente pra trás e já andava por perto da mulher que tinha o cheiro do perfume de Silvana. Segui por entre livrarias e sebos incensados os andares daquela mulher lindíssima, com olhos de Barbie, já bronzeada pelo sol inquieto desta primavera que se faz fugaz pelos jacarandás violáceos. Bastava-me vez que outra a aproximação dissimulada, o falso interesse por alguma obra de seu particular apreço, só para respirar com avidez aquele perfume que só encontrei na pele, nas roupas, no travesseiro de Silvana.

Procurei em outras segredadas paixões o exclusivo perfume de Silvana, e o aroma sentido sempre foi diverso, menos adocicado, puxando mais para o banal, sem aquele odor de fruta madura a se abrigar em concha dentro de mato fechado. Nunca me ative ao nome da fragrância. Naqueles meses em que amei Silvana todo santo dia não sobrou um só tempo para decorar a marca do seu perfume, tal era a desimportância da indagação diante do estado que se apresentava uma alma de passarinho enfiada num corpo de moço.

Estou certo de que não mais verei Silvana, e esta verdade abriu uma goteira lacrimal dentro de mim sem jeito de estancar. Ela foi indo embora na ponta dos pés, sem deixar recado, bilhete amassado ou abano, recebendo em tardes arrebóis, segundo me disseram, a visita do arco-íris quando o silêncio adormece rebrotado. Ficou daquele amor perdido em brumas o seu perfume, por quem ainda hoje sigo atrás quando o sinto espalhado no ar por um corpo de mulher, um corpo que não precisa ser novo ou bonito, com olhos de Barbie ou bronzeado. Basta ter o cheiro de Silvana e terás a certeza de que haverá a rondá-lo a romaria de um homem só.

*Este texto foi vencedor, na categoria crônica, do Concurso Literário Internacional de Cruz Alta em 2003.*

---

Afif Jorge Simões Neto é Juiz de Direito em Porto Alegre - RS.

# Moacyr Scliar:

## um imortal da ABL

### reverencia o Rio Grande do Sul

Claudia Chiquitelli\*

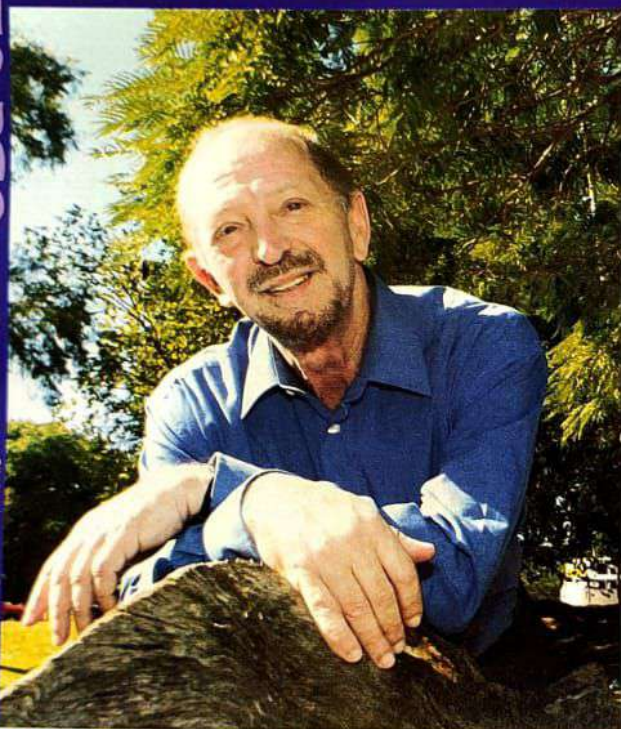


Foto: Genaro Joneir/Agência RBS/UFRS

O escritor incentivará o entrosamento entre a Academia e o Rio Grande do Sul

A história da literatura brasileira viveu um de seus grandes momentos no dia 31 de julho de 2003 com a eleição, quase unânime, 35 dos 36 votos, do escritor Moacyr Scliar para a cadeira 31 (ocupada pelo romancista mineiro Geraldo França de Lima, falecido em março de 2003) da Academia Brasileira de Letras. O também colunista, dos jornais Zero Hora (Porto Alegre) e Folha de São Paulo, e médico vestiu o fardão da ABL no dia 22 de outubro, no Rio de Janeiro, sede da Academia. Escritor que já recebeu importantes premiações, como da Associação Paulista de Críticos de Arte, em 1980, Casa de las Américas, Cuba, 1989, e o Jabuti, 1988, 1993 e 2000, o gaúcho diz, nesta entrevista exclusiva para o Caderno de Literatura, que o melhor é o reconhecimento dos leitores. Scliar, 66 anos e com mais de 60 obras publicadas, fala ainda da ABL, do seu mais recente livro – *Saturno nos Trópicos – A Melancolia Européia Chega ao Brasil* –, da polêmica sobre prêmio de repercussão internacional recebido por um escritor, que vive no Canadá, com uma obra definida pela crítica como plágio de uma de suas publicações. O *imortal* fala também de seus futuros projetos.

O senhor é o mais novo integrante da Academia Brasileira de Letras, em uma eleição que beirou a unanimidade. Como analisa a vitória?

Transfiro o mérito desta vitória, antes de mais nada, para o Rio Grande do Sul, que, através de numerosas instituições do Judiciário, do Executivo, do Legislativo, de organizações comunitárias, universidades, escolas, apoiou a candidatura. Também o fizeram escritores de minha geração hoje na Academia. O resultado foi uma mobilização raramente vista na história da ABL, segundo os próprios acadêmicos. E isto é motivo de orgulho.

O senhor dedicou a sua eleição ao poeta Mario Quintana, que por duas vezes se candidatou a uma vaga na Academia, sem sucesso. Qual a razão dessa homenagem? A poesia do Quintana já o inspirou?

Sempre fui fã de Quintana, como poeta e como pessoa. É uma poesia inovadora, a dele, mas é também amável.

Qual obra merece destaque?

Destaco "A Rua dos Cataventos" como exemplo.

O senhor falou que uma das suas propostas para a Academia será a descentralização das atividades. Como elas vão ser feitas?

Mediante entrosamento da ABL com instituições da área cultural aqui no RS, promovendo co-edições, eventos conjuntos, intercâmbio cultural.

O senhor tem outras propostas para a ABL?

Acho que a ABL tem de se abrir mais, ir ao encontro do público. Apoiarei todas as propostas neste sentido.

O livro *O Exército de um Homem* Só vai ser transformado em filme, dirigido por Fábio Barreto e Ricardo Zimmer. É a

primeira vez que um filme se baseia em uma obra sua?

Não, já tive vários outros livros e contos adaptados para curtas e longas.

Quais os filmes, curta e longa-metragens, baseados em sua obra que o senhor considera mais significativos?

*No amor*, de Nelson Nadotti, curta-metragem, e *Sonhos tropicais*, de André Sturm, longa-metragem.

Qual a sua opinião sobre o projeto de Fábio Barreto e Ricardo Zimmer?

Acho que o cinema nacional está valorizando nossos autores e isto é muito bom para o cinema e para a literatura.

O senhor declarou em entrevista que para ser um bom escritor tem que ser um bom leitor. A sensibilidade e a inspiração nascem da boa leitura?

Certamente. Não se pode ser escritor sem ser leitor.

O seu livro preferido, conforme declaração, em recente entrevista em programa de TV, é *O Centauro no Jardim*, lançado em 1980. Qual a razão dessa publicação ser aquela por que o senhor tem mais admiração?

É o fato de que o centauro tem uma dupla identidade, como acontece com os filhos de emigrantes (meu caso). Escrevi esta história com enorme entusiasmo - era realmente um momento muito bom de minha trajetória.

*Saturno nos Trópicos - A melancolia européia chega ao Brasil* (Companhia das Letras), seu mais recente livro, trata a melancolia sob diferentes aspectos. Como surgiu a idéia dessa publicação? Pode-se dizer que a obra é uma reunião inédita de todos os temas já tratados nas suas obras?

Como médico, interessa-me muito a história da medicina e assim descobri a "epidemia de melancolia" que coincide com o início da modernidade. Modernidade, por sua vez, fala de muitos aspectos ligados à ciência, à cultura, à arte. Por isso, digo que o livro é um painel que aborda vários temas.

O senhor tem momentos de melancolia?

Como todos...

Qual é geralmente o seu estado emocional quando está escrevendo? Existe uma diferença entre o estado emocional do escritor e do médico Moacyr Scliar?

Escrever me dá um enorme entusiasmo, mas é o mesmo entusiasmo

que eu sentia, e sinto, trabalhando em saúde pública ou dando aulas na Faculdade.

Quais as suas principais influências literárias?

Muitas: Monteiro Lobato, Erico Verissimo, Jorge Amado, Guimarães Rosa, Clarice Lispector. São escritores que me dizem, ou diziam, algo, que faziam (ou fazem) minha cabeça.

No final de 2002, o escritor Yann Martel, nascido na Espanha, ganhou um prêmio internacional com uma obra (*Life of Pi*) que, conforme divulgação na imprensa da época, teria sido cópia do seu livro *Max e os Felinos*. O que o senhor tem a dizer sobre esse assunto que virou polêmica?

É um assunto encerrado, mas esse escritor poderia ao menos ter-me avisado de que pretendia usar a idéia de meu livro.

Martel disse que conheceu a sua obra através de uma resenha de John Updike, no *The New York Times*, porém uma revista semanal brasileira, com circulação nacional, apurou que só consta uma crítica sobre *Max e os Felinos*, de Herbert Mitgung. As explicações do referido escritor o convenceram?

Não convenceram a mim, nem a ninguém. Mas ele me pediu desculpas e, isso sim, eu aceitei.

O que o senhor achou do livro *Life of Pi*?

O livro é bom. Diferente do meu, porque tem um enfoque místico, mas muito interessante.

O Caderno de Literatura tem por

mote divulgar a cultura do Estado através de seus escritores, artistas plásticos, poetas, fatos históricos, como é o caso dessa edição, que homenageia as Missões. As suas obras mostram o bairro Bom Fim, um dos mais tradicionais da Capital e antigo reduto de intelectuais. Nesse bairro o senhor viveu a sua infância. Existe outro lugar que lhe inspira?

O Brasil como um todo é para mim fonte de inspiração.

Qual a sua opinião a respeito da participação de juizes na literatura?

Acho que juizes (e promotores, e advogados) são freqüentemente notáveis homens (e mulheres) de letras. Reúnem todas as condições para isso: um necessário domínio da palavra, uma vivência que os põe em contato com os dramas humanos.

Em uma entrevista para o *Jornal da AJURIS*, em setembro de 2000, o senhor, ao ser questionado, disse que recomendaria para um magistrado a leitura de *O Processo*, de Franz Kafka. A sua opinião continua a mesma?

Continua a mesma...

O senhor está escrevendo um novo livro neste momento?

Não. Estou "recarregando as baterias", pensando, tomando notas...

Quais seus futuros projetos?

Continuar escrevendo, dando palestras, colaborando com a imprensa.

## Para Moacyr Scliar...

Um livro: *A Metamorfose*, de Franz Kafka

Um escritor: Clarice Lispector

Um ator: Paulo Cesar Peréio

Uma atriz: Fernanda Montenegro

Um filme: *Amarcord*, de Fellini

Uma peça teatral: *O Jardim das Cerejeiras*, de Tchekov

Um time: S.C. Cruzeiro, de Porto Alegre

Um prêmio: o reconhecimento dos leitores (melhor prêmio do mundo!)

Um lugar: Porto Alegre

Uma paixão: minha família

Uma saudade: meus pais, falecidos

Uma tristeza: a desigualdade social no Brasil

Um sonho: ver este país melhor

Um amigo: o livro que, neste momento, está na minha mesa de cabeceira (*No Bosque do Espelho*, ensaios de Alberto Manguel)

Uma crença: creio num futuro melhor

Um motivo de orgulho: ser brasileiro

Rio Grande do Sul: não é um Estado, é uma

(grande) maneira de viver

Brasil: é maior que o abismo

Governo Lula: está lutando

Governo Rigotto: é aberto e tolerante

## Romance vira filme

Em entrevista concedida ao Caderno de Literatura, Fábio Barreto, um dos diretores do filme *O Exército de um Homem Só*, baseado na obra de Moacyr Scliar, falou a respeito do novo projeto e da eleição do escritor para a Academia Brasileira de Letras.

Para o diretor, a obra trata-se, na verdade, de um épico utópico, que leva as pessoas a sonharem e também a cultivarem utopias para que assim possam crescer de uma forma positiva. Ele também acredita que um dos principais atrativos da história seja o fascinante personagem Mayer Grinzburg, pois retrata a vida de um homem que "ganha todas as guerras, menos a sua própria guerra interior".

Quando perguntado sobre voltar a dirigir um longa no Estado, Barreto afirmou: "Me sinto um gaúcho, sou muito bem tratado no Sul". Segundo o cineasta, que também dirigiu *O Quatrilho* e *A Paixão de Jacobina*, o filme será inteiramente rodado no RS e contará com a participação de dois atores gaúchos: José Vitor Castiel e Werner Schünemann. Até agora, Scliar deu algumas opiniões, e disse estar gostando do roteiro. *O Exército de um homem só* será levado às telas de cinema por Ricardo Zimmer e Fábio Barreto e tem estréia prevista para o final de 2004.

Sobre a eleição de Moacyr Scliar para a Academia Brasileira de Letras, Barreto acredita que seja mais do que merecida, afinal, considera o escritor "um dos gigantes da literatura brasileira".



## Os escritores e a eleição

A eleição de Scliar para a ABL honra o nosso Estado e também honra a própria Academia, que se tem beneficiado com sangue novo de verdadeiros escritores, como meus queridos amigos Ana Maria Machado e Moacyr Scliar.

**Lya Luft**, escritora

A eleição de Moacyr Scliar, por unanimidade, para a Academia Brasileira de Letras, é mérito seu, pessoal, intransferível e incontestável. Mas como ele é uma espécie de decano das letras rio-grandenses, todos os gaúchos ligados à literatura - escritores, editores, leitores - nos sentimos um pouco eleitos junto com ele.

**José Clemente Pozenato**, escritor

### Por direito e por justiça

Muitos falam mal da Academia Brasileira de Letras. Só os que não estão nela, é claro. Seria o caso de pensar: se é tão ruim assim, ou tão inútil, como é que existe há mais de um século? Veja-se a Igreja Católica: apesar de tantos Papas indignos da tiara, ela se manteve íntegra até nossos dias. A nossa Academia vem tentando, nas últimas eleições, propiciar o ingresso de escritores; e Moacyr Scliar é um destes. Senhor de uma obra consistente e vasta, merecedor de vários prêmios e traduzido em inúmeros países, nosso conterrâneo possui todos os títulos para ocupar a sua vaga. Ela é sua por pleno direito e como justiça a uma obra de excelência literária.

Assistiu-se, nas semanas que antecederam a eleição, a um movimento que envolveu toda a sociedade rio-grandense; ninguém queria ficar de fora do abaixo-assinado remetido à Academia. Foi, conforme disse um dos acadêmicos, talvez o maior de todos os apoios públicos a uma candidatura.

O ingresso de Moacyr Scliar, desse modo, simboliza a validação do papel da ABL em nosso meio cultural e, ao mesmo tempo, significa o reconhecimento ao autor de *O centauro no jardim*.

Ganhou a Academia, ganhou Moacyr Scliar - e ganhamos todos nós, que demonstramos apreço por valores que não se ligam diretamente às históricas tradições gauchescas. Essa eleição foi muito mais importante do que aparenta. Talvez seja um novo tempo, a soprar pelas coxilhas do Rio Grande. É o caso de pensar.

**Luiz Antonio de Assis Brasil**, escritor

Foto: Adriana Franciosi/Agência RBS/AJURIS



Scliar, no dia da eleição, brindando com os acadêmicos Carlos Nejar, Nélida Piñon e Marcos Vilaça

## Bibliografia

### Contos

- O Carnaval dos Animais (Movimento, 1968)
- Os Melhores Contos de Moacyr Scliar (Global, 1974)
- A Balada do Falso Messias (Ática, 1976)
- Histórias da Terra Trêmula (Escrita, 1976)
- O Anão no Televisor (Globo, 1979)
- Dez Contos Escolhidos (Horizonte, 1984)
- O Olho Enigmático (Guanabara, 1986)
- Contos Reunidos (Companhia das Letras, 1995)
- A Orelha de Van Gogh (Companhia das Letras, 1995)
- O Amante da Madonna (Mercado Aberto, 1997)
- Os Contistas (Ediouro, 1997)
- Histórias para (quase) Todos os Gostos (L&PM, 1998)

### Romances

- A Guerra no Bom Fim (Expressão e Cultura, 1972)
- O Exército de um Homem Só (Expressão e Cultura, 1973)
- Os Deuses de Raquel (Expressão e Cultura, 1975)
- O Ciclo das Águas (Globo, 1975)
- Mês de Cães Danados (L&PM, 1977)
- Doutor Miragem (L&PM, 1979)
- Os Voluntários (L&PM, 1979)

- O Centauro no Jardim (Nova Fronteira, 1980)
- Max e os Felinos (L&PM, 1981)
- A Estranha Nação de Rafael Mendes (L&PM, 1983)
- Cenas da Vida Minúscula (L&PM, 1991)
- Sonhos Tropicais (Companhia das Letras, 1992)
- A Majestade do Xingu (Companhia das Letras, 1997)
- A Mulher que Escreveu a Bíblia (Companhia das Letras, 1999)
- Os Leopardos de Kafka (Companhia das Letras, 2000)

### Literatura juvenil

- Cavalos e Obeliscos (Mercado Aberto, 1981)
- A Festa no Castelo (L&PM, 1982)
- Memórias de um Aprendiz de Escritor (Companhia Editora Nacional, 1984)
- No Caminho dos Sonhos (FTD, 1988)
- O Tio que Flutuava (1988)
- Os Cavalos da República (FTD, 1989)
- Pra Você Eu Conto (Atual, 1991)
- Uma História Só pra Mim (Atual, 1994)
- Um Sonho no Carço do Abacate (Global, 1995)
- O Rio Grande Farroupilha (Ática, 1995)
- Câmera na Mão, O Guarani no Coração (Ática, 1998)
- A Colina dos Suspiros (Moderna, 1999)
- O Mistério da Casa Verde (Ática, 2000)
- O Livro da Medicina (Companhia das Letras, 2000)

### Crônicas

- A Massagista Japonesa (L&PM, 1984)
- Um País Chamado Infância (Sulina, 1989; Ática, 1995)
- Dicionário do Viajante Insólito (L&PM, 1995)
- Minha Mãe Não Dorme Enquanto Eu Não Chegar (L&PM, 1996)

### Ensaio

- A Condição Judaica (1987)
- Do Mágico ao Social: A Trajetória da Saúde Pública (L&PM, 1987)
- Cenas Médicas (Editora da UFRGS, 1988)
- Se Eu Fosse Rotschild (L&PM, 1993)
- Judaísmo: Dispersão e Unidade (Ática, 1994)
- Oswald Cruz (Relume-Dumará, 1996)
- A Paixão Transformada: História da Medicina na Literatura (Companhia das Letras, 1996)
- Porto de Histórias: Mistérios e Crepúsculos de Porto Alegre (Record, 2000)
- Meu Filho, o Doutor: Medicina e Judaísmo na História, na Literatura - e no Humor (Artes Médicas, 2000)
- Saturno nos Trópicos - A Melancolia Europeia Chega ao Brasil (Companhia das Letras, 2003)

Claudia Chiquitelli é jornalista.

\* Colaboraram Christiane Matos e Fernanda Rosito.

# Chove lá fora

Tito Madi

1953 era o ano.

Havia uma fazenda e nela um lindo lago e neste uma bela e frondosa árvore caída e uma pequena canoa.

Estava eu em férias na minha cidade, Pirajuí, no interior de São Paulo e passando alguns dias na propriedade de minha irmã e meu cunhado no distrito de Estiva Grande.

Dirigi o barquinho por entre os galhos e folhas ainda vivos da linda árvore onde ancorei, me protegendo dos fortes e quentes raios de um sol do meio-dia. Não chovia.

Confortavelmente sentado no barco, como eu levava o meu violão, iniciei alguns acordes e não demorou a chegar a inspiração e ali naquele momento fiz a música que se tornaria um grande sucesso alguns anos depois. Nascia *Chove lá fora*, que eu gravaria nos fins de 1956 no Rio de Janeiro pela gravadora Continental.

A primeira gravação foi realizada com arranjo lindíssimo de Radamés Gnattali (gaúcho) num 78 rpm (rotações por minuto), tendo no verso *Gauchinha bem-querer*, que eu acabara de compor durante uma temporada em Porto Alegre.

Voltaria a gravar as duas músicas no LP *Chove lá fora* com acompanhamentos de Ribamar e Chiquinho do Acordeon (também gaúcho), já no início de 1957, quando ganhei o título de *Melhor Compositor do Ano*.

Com muito orgulho, devo salientar que, entre os prêmios que recebi, um foi muito importante: medalha de ouro da Revista do Rádio, entregue pessoalmente pelo senhor Presidente da República, Dr. Juscelino.

*Chove lá fora* foi regravada cerca de duzentas vezes no Brasil e exterior. Uma versão importante é a do conjunto americano *The Platters*, com letra de seu manager Buck Ramm (autor de *Only you*).

No Brasil, orquestras, trios e conjuntos também a gravaram. Dos cantores: Elizete Cardoso, Sílvia Telles, Nora Ney, Agostinho dos Santos, Sílvio Caldas e tantos outros que não caberiam nesse pequeno espaço.

Quando me perguntam se de fato chovia muito, como descreve a letra, sempre respondo sorrindo: - não literalmente: chovia sim intensamente dentro de mim.

Assim nasceu *Chove lá fora*.

*Chove lá fora*

música e letra  
de Tito Madi

A noite está toa fria  
Chove lá fora  
É essa saudade enjoada  
Não vai embora,

Quisera compreender por que por triste  
Quisera que soubesses  
Como estou triste.

E a chuva continua  
Mais forte ainda  
Só Deus sabe dizer  
Como é infunda  
A dor de não saber  
Saber lá fora

Onde estás  
Como estás  
Com quem estás agora.

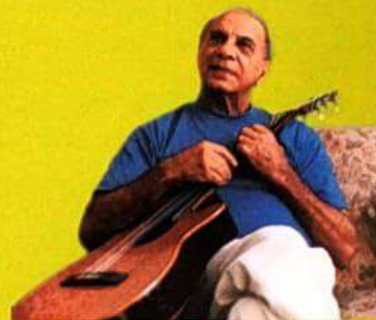


Foto: acervo do compositor

Tito Madi é cantor e compositor. Autor de clássicos da música brasileira como *Gauchinha bem-querer* e *Balanço Zona Sul*.

## Elegia das mãos falecidas

Velhas mãos!  
Asas perdidas  
inúteis  
esquecidas do ofício  
duas orquídeas sem sangue.

Mãos estragadas  
como rua de subúrbio  
mãos sem desejo  
nem carícias, quase  
duas raízes  
há muito separadas  
que se uniram  
para a grande viagem.  
Mãos de velho navio  
e o terço usado  
cor marrom  
impedindo que o vento da morte  
desmanche os longos mastros.

## Por eles

Outros não de vir. De onde?  
Da solidão das rochas? Se assim fosse  
dá-me a distância o privilégio estranho  
de saber que outros não de vir de longe.

A solidão é necessária primícia  
de encontro e despedida,  
feixe de flores para os tristes  
o vento de pólen não se sabe donde.

Pois outros não de vir de nós  
quando soarem os clarins e o amor  
continuar o início e as cantigas.

A solidão tão âncora sustentará  
nos braços do meu porto a imploração  
dos que não de vir depois. De onde?

## Condição

Há sempre uma  
sempre a mesma  
sempre aquela  
sempre  
a viagem por fazer.

Oscar Bertholdo

# Foto de **Sebastião Salgado**

*José Eduardo Degrazia*

Três meninos negros sob um cobertor  
Três meninos negros de olhos brancos.  
Três meninos negros de olhos francos.  
Três meninos negros de olhos abertos.  
Três meninos negros de olhos espertos.  
Três meninos negros de olhos cativos.  
Três meninos negros de olhos votivos.  
Três meninos negros sob medo e dor.

# O jardim de **Anita Malfatti**

Abro o portão de tábuas finas  
e entro no jardim.  
Caminho de terra ladeado  
de capim e flores.  
Manchas verdes e vermelhas.  
Borrões de luz feito abelhas  
zumbem no ar.

---

*José Eduardo Degrazia é médico, poeta e contista. Autor, entre outros, dos livros *Lavra Permanente*, *Cidade Submersa*, *A Porta do Sol*, *O Atleta Recordista* e *Piano Arcano*.*

# Cinco Marias

*Fabício Carpinejar*

Ao andar contigo,  
eu ria à toa,  
a música já tinha  
nossa respiração.  
Como uma cordilheira,  
a tempestade sobrevoava  
a esponja do verde,  
sem derramar relâmpagos.  
Ao andar contigo,  
eu me invejava.

\* \* \*

Procurei entender os sinais  
suspensos entre as colunas  
e as fechaduras. Empenhei-me  
em esclarecer os recados  
apressados de socorro,  
o tambor lacerado das paredes.  
Decifrei o grafite dos banheiros  
públicos, as inscrições puídas  
no lenho, os volantes  
recebidos no trânsito.  
A vida com erros de ortografia  
tem mais sentido.  
Ninguém ama com bons modos.

---

Fabício Carpinejar é autor de *As Solas do Sol* (Bertrand Brasil, 1998), *Um Terno de Pássaros ao Sul* (Escrituras Editora, 2000), *Terceira Sede* (Escrituras, 2001), *Biografia de uma Árvore* (Escrituras, 2002) e *Caixa de sapatos* (Companhia das Letras, 2003). Recebeu vários prêmios como Cecília Meireles 2002, da União Brasileira de Escritores (UBE); Marengo D'Oro, de Gênova (Itália); duas vezes o *Açorianos de Literatura*, edições 2001 e 2002; *Destaque Literário* – Júri Oficial como melhor livro de poesia da 46ª *Feira do Livro de Porto Alegre* (RS), e *Fernando Pessoa*, da União Brasileira de Escritores/RJ, em 2000. Esses poemas integram o livro inédito *Cinco Marias*.

# O Sétimo Dia

Élvio Vargas

Desembarcaram no primeiro dia  
a cruz, os sinos  
e uma ave-maria.  
No segundo  
cânticos, hóstias, incensos  
escrituras, um deus  
e um satanás.  
No terceiro  
cangas, arados, sementes  
e um calendário lunar.  
No quarto dia  
um facho de luz  
arcabouços, pórticos, fachadas  
balaústres.  
Foram pedras sobre pedras  
benzidas  
na guaranítica argamassa das almas  
côvados de sal e sofrimento  
nas enrugadas paredes do tempo.  
No quinto  
estátuas, escolas, templo  
dízimos de esperança  
nas terras de sacramento.  
No sexto  
inventários, colheita  
os mandamentos agrários  
um grande motim  
liderado pela foice e as enxadas.  
No sétimo  
sarças de fogo, diáspora  
um crepúsculo para as terracotas  
ruínas, altares  
silêncio.

Élvio Vargas é poeta. Publicou *O Almanaque das Estações*, entre outras obras.

São Miguel das Missões Jesuíticas  
Gastão Tesche - 2003  
Técnica: aquarela sobre papel



# Tempo e amor

Carlos Alberto Bencke

*Para Dalva Regina, amor antigo, novo tempo*

Tempo passa,  
Amor transpassa;  
Tempo perpassa,  
Amor não passa.

Tempo vira ouro,  
Amor vira duradouro;  
Tempo vira idade,  
Amor vira felicidade.

Tempo apaga,  
Amor afaga;  
Tempo agasta,  
Amor agaloa.

Tempo prende,  
Amor se rende;  
Tempo se perde,  
Amor se sente.

Tempo é hora,  
Amor revigora;  
Tempo afora,  
Amor é agora.

Passando, transpassando,  
Perpassando, não passando;  
O ouro, o duradouro, a idade;  
A felicidade porque amando.

Apagando tudo,  
Afacando, contido;  
Agastando, contudo,  
Amando (sobre)tudo.

Preso pelo tempo perdido,  
Rendo loas ao amor;  
Perdido no tempo infindo,  
Sentindo o peso da dor.

Tudo é agora?  
É presente, passado, futuro;  
Afadigado pelo tempo escuro,  
Só o amor revigora.

---

Carlos Alberto Bencke é Desembargador do TJ - RS.

## Destino

*Maria da Soledade Sampaio*

Há pássaros pousados nos meus ombros  
e arco-íris no canto de meus olhos  
a paisagem se faz como desejo  
e o desejo se faz visível rota.  
Estrada sem atalho  
onde meus pés caminham  
vislumbrando a sombra de outros passos  
sonharei setembro abril ou março  
e seguirei sem volta o meu destino.  
Sou cigana de sonhos e presságios  
e vi vagar teu coração tristonho  
sobre as algas as conchas e as fragatas  
e pelas águas da vida conciliada  
te salvei de todos os naufrágios.

26.06.2003

---

Maria da Soledade Sampaio nasceu em Porto Alegre. É professora e bacharel em Direito. Colaborou no Caderno de Sábado do Correio do Povo e em jornais do interior. Livro em preparo: *Sem Tempo na Noite e Outros Poemas*.

# A perda do filho

Como **Alessandro Baricco**, eu creio

*Maria Cecília Fernandes Álvares Leite*

*"Accadono cose  
che sono como domande  
passa um minuto, oppure anni  
e poi la vita risponde."  
(Alessandro Baricco – Castelli  
di rabbia - Biblioteca Universale  
Rizzoli – La Scala - Milano 1994)*

*"Acontecem coisas  
que são como perguntas  
passa um minuto , ou anos  
e depois a vida responde."  
(Alessandro Baricco - Castelos de  
raiva - Biblioteca Universale Rizzoli -  
La Scala, Milão, Itália, 1994)*

Tão forte, sua dor latejou-me a fronte  
O corpo dobrou-me, estancou-me o riso  
Eu a quis perto, a quis até onde  
Se amortece a alma, s'esvanece o siso.

Resvalo as mãos em sua face - tão perdida!  
Se eu pudesse – Pietá - tê-la ao regaço.  
Repor-lhe o sono, o repouso, a malferida  
perda. O ante-instante eu lhe refaço.

Mas sua dor, de tantas, a mais dura  
Nada nos permite, nem retrai o tempo  
Como lâmina, o senso nos perfura.

Raso consolo, tal Alessandro Baricco, eu creio.  
Suas perguntas: o que não fiz, por que me veio,  
sua dor, tão forte, me latejam a fronte.

Eu a queria perto, todo o tempo, junto ao seio  
Até àquele, terrível, exato instante, onde,  
Compassiva, a vida por certo nos responde.

*Roma, 1996.*

---

Maria Cecília Fernandes Álvares Leite é Juíza do TRT da 15ª Região.



# Minha casa

*Adauto Suannes*

Minha casa é de remendos  
tão tremendos seus galpões.  
São incômodos seus sóis,  
suas luas giram lentas.

Minha casa sem paredes  
verdes campos que se espraiam;  
onde há flores, não há frutos,  
onde a gente aí tem paz.

Minha casa abandonada  
e desleixada ao relento;  
quem visita ali não fica.  
Vai e deixa seus segredos.

Dormitório da saudade,  
canta o vento umas *berceuses*  
pra ninar quem não desperta.

---

Adauto Suannes é poeta e contista. Desembargador aposentado - SP.

# Ambigüidade

*José Nedel*

Verdade é dita em múltiplas maneiras.  
Se por conceitos, é filosofia;  
Mas por imagens, sérias ou brejeiras,  
Quem duvida se trate de poesia?

Entre uma e outra, fútil é propor  
Linha nítida e clara distinção.  
Onde encontrar medida de rigor?  
*Hélas!* Os que a encontraram, onde estão?

Quanto mais me debruço sobre as coisas,  
Mais mistério retém-me confundido.  
Condena-me o destino: optar não ousas?

Pois ficarás aquém de toda meta.  
- Entre as Musas e Atena dividido,  
Nem pensador nem alma de poeta?

---

José Nedel é Juiz de Direito aposentado (RS) e professor. Autor dos livros *Crítica da Razão Popular*, 1990, *Em Defesa da Vida* (co-autoria), 1994, *Maquiavel, Concepção Antropológica e Ética*, 1996, *Ética, Direito e Justiça*, 2000, e *Concepção Ético-Política de John Rawls*, 2000.

# Tambores distantes

Adair Philipson

Homem branco, te convido, te achegues, por favor,  
Te aproxima do meu catre.  
Mas, antes, sorve um mate sem temor..  
Afinal, este costume trazes de meus ancestrais.  
E então, se não for pedir demais,  
Ouve lá longe, bem longe,  
No campanário das ruínas,  
O som agudo que um monge  
Desperta, ao sino de bronze...

E o que mais?  
Tambores e um canto suave  
Dos livres, qual ao das aves,  
Que por tua causa não mais se levanta,  
E que cada guarani trazia na garganta.  
Ao menos agora, nesta hora, não me cales.

Deixa que eu lembre: éramos a própria natureza  
Tanto que achavas que éramos animais.  
Fazíamos parte dela, sorvíamos sua beleza  
Com nossas ingênuas credences e superstições.  
Com a simples imaginação, sem tua artificial paixão.

Não tínhamos pobres e nem mesmo nobres,  
Éramos rudes, éramos bugres,  
Vivíamos a alegria, ou, como dizias, a nossa utopia.  
Nas campinas, nos cerros, nos vales  
E nas barrancas... imperava a Terra sem Males.  
A terra com nossas cores, de nossos amores,  
Sem conquistados, sem conquistadores,  
Sem predadores, sem especuladores, sem dores,  
Apenas, junto ao canto da natureza... Nossos tambores.  
Primeiro achaste que não tínhamos alma,  
Depois começaste a te preocupar com ela.  
Achaste que nosso tom acobreado  
Fosse qual a nossa alma, que seria escura  
E impura quanto nossos supostos pecados.  
Falavas em amolecer nossos corações,  
Mas jamais conhecestes nossa ternura.  
E daí vieram as Missões, vieram os sermões,  
Vieram os padres, os altares... E os sabres.  
E, a todo custo, quiseste que fôssemos como tu és.  
Nos deste a conhecer as Tábuas de Moisés.

Mas, homem branco, eu vou ser bem franco  
- Nosso deus não é o teu deus:  
Homens, mulheres, jovens e velhos,  
Mesmo sem conhecer versículo algum do Evangelho  
Sem os ensinamentos de tua Santa madre Igreja,  
Vivíamos em abundância, sem dela abusar.  
E se passávamos penúrias, era sem nos lamentar.

Agora quero que escutes... Lá longe, bem longe...  
Em alguma Redução, badala um sino de bronze  
Que por mim irá dobrar, me chamar e me levar.  
Deixarei as minhas dores, minhas chagas e rancores  
E acompanhando os sinos  
Quebrando o silêncio triste... Não de soar tambores.  
Sei que és muito ocupado, homem branco,  
Mas sei que ainda algum tempo me reservas:  
Como disse, tu querias nos trazer a luz  
Porque, como pensavas, vivíamos nas trevas.

Então criaste a Companhia de Jesus  
E, ao mesmo tempo, junto aos templos,  
Com acordos arquivados nos cartórios de Madrid,  
Redigiste sigilosas convenções e tratados  
Com um só interesse e endereço:  
A República Guarani.  
Quem te via achava que falavas sério,  
Mas rasgaste o mapa, riscaste o hemisfério.

A nós, que não sabíamos o que eram fronteiras,  
Impuseste tuas divisas e bandeiras:  
Ora éramos portugueses e tu somavas heróis,  
Logo adiante tínhamos que ser espanhóis...  
Assim, enchias teus bolsos e empobrecias nossa alma.  
E, na ânsia histórica da real madrastra, a Coroa Ibérica,  
Foi modificado o Novo Continente, a América.

O teu catecismo, o teu cristianismo,  
Utilizava a religião apenas como véu  
E ensinava que o dízimo garantia o céu...  
Nos púlpitos ainda vejo aquele testemunho,  
Os homens de preto, os obreiros do divino,  
Com a cruz como bordão e a Bíblia em punho.  
E pregavam: "o amor ao próximo é o mandamento maior!"  
Mas que amor foi esse que só plantou pobreza e dor?

Em nossa utopia aqui na terra  
Cada guarani era um irmão, irmão de verdade  
E tu, a pretexto de civilizar, nos ensinaste a guerra...  
Ah! Que pena que não notaste  
Que não tínhamos patrão nem rei...

Mesmo aqui no catre, enquanto sorves o mate,  
Lembro que tivemos de erguer catedrais,  
Levantar torres pra ficar mais perto das alturas,  
Enquanto, ao lado delas, cavavas nossas sepulturas.  
Falavas em barbáries nestas paragens  
Mas devias ter garantido a tua sociedade  
Pra viver, como nós, a verdadeira igualdade.  
Mas deixa prá lá... essas são as minhas dores...

Deixa que eu relembre a verde mata,  
As raízes, os peixes, as frutas, seus sabores...  
E, lá longe, distantes, os tambores.  
Nossos tambores... Sem servos, nem senhores.

Homem branco, também é chegada a hora  
De fazer a minha confissão.  
É o que vou fazer agora. Ao te rogar a Extrema-Unção  
Suplico perdão. Por Roque, por Afonso e João Castilho.  
Não tiveste a mesma piedade por nossos filhos,  
Cujo sangue deste à terra para embê-la.  
Tu me entendes ou não me queres entender?  
Já passaram quatrocentos anos, é verdade.  
Mas pelo amor do teu deus, não podes ter esquecido.  
Afim, fomos caçados, saqueados e escravizados  
E ainda hoje procuras nossos tesouros perdidos.  
Por certo lembras de M'Bororé, nossa única vitória  
(Aliás, sobre isso pouco falam teus livros de História).

Depois veio o massacre dos Sete Povos  
E coloriste tua "glória" com heróis novos.  
Impuseste sangrentas batalhas,  
Encheste o peito de medalhas.  
Nos reduziste a um punhado  
Com a brutal matança.  
E, como Deus "não quer vingança",  
Perdeu-se a resistência de Nicolau Nhenguiru,  
Soltou-se, sem eco, o lendário grito de Tiaraju  
Pois outro já era dono deste chão.

Não respeitaste Sacramento, aniquilaste as Missões.  
Reduziste tudo a ruínas, taperas, aldeias queimadas  
E nisso até o bom vento Minuano foi teu aliado.

Até hoje procuras entender nossos segredos  
Na colônia do Rio Grande de São Pedro.  
Mas agora é tarde, muito tarde...  
O guarani não mais voltará.  
A réplica de nossa República jamais conseguirás...  
Na verdade nós viemos muito cedo ao mundo.

Hoje, quando enxergares meus filhos e irmãos  
Carregando meus netos nos ombros,  
Pelas encruilhadas... Famintos, pés-no-chão,  
Esse resto de cativos  
Que daqui são os nativos  
E que trazem na lembrança tanta escravidão,  
Lembra-te de que seriam eles os donos deste chão,  
Fosse por herança ou por usucapião.

E depois, quando me deixares neste catre,  
E pousares nessa mesa a cuia do teu mate...  
Não faças orações. Apenas escuta na distância,  
Vindo de uma catedral que erguemos,  
Com a fé trazida de além-mar,  
Um sino de bronze, em seu último ressoar.  
E então, ao fechar meus olhos,  
Olhando para os teus,  
Preparando-me para o paraíso que tu prometeste,  
Ainda vou te lembrar: meu deus não é o teu deus!

# Ponto de almoço de São Miguel

Tadeu Martins

Corvos esperavam no céu.

Uma sombra de nuvem  
Resvalava sobre uns rumos empastichados.

Caminho das vacas  
E o sol rengueava nos barrancos.

O vento era molenga  
Que em certos lugares não ia.

Lugar bem-vindo.

Lá  
Na estrada por onde chegamos de ônibus  
Havia uma farinha de terra  
E pelas beiras dela a ervagem poeirenta  
Onde as galinhas se apintavam.

Mais num alto  
Avestruzes fingiam descuido  
Pastando.

Alguns cavalos avermelhados de Missões  
E vacas leiteiras...  
De modo que a paisagem e os bichos  
Parece que estavam ali para sempre.

Apeou um morador  
Riscando esporas e falou do tempo.

Veio um peão pedir carona.

Cruzou uma menina de férias.

Dois mocitos ao trote  
- um assobiando e outro sorrindo -

Andorinhas andavam de vôos  
Numa antena de rádio  
E nós com fome.

O dono da esquina  
Disse que a bóia era pra já, já.

Uma senhora pedia para lavar o guri.

Um homem tenteava o peso das cuias  
Outro cheirava rodilhas de fumo  
Mocinhas emprestavam o pente  
E uma idosa no preço dos chinelos.

Uma mulher de canto guampeava.

De largo  
Todos no costeiro de todos  
Cada um era um órgão aderido  
Naquele corpo com cheiros amarelados  
De urinas, de vômitos  
De galpões e mangueiras  
E extratos  
Sobre os quatro pneus.

Veio bufando a vaca-atolada  
Com pratos de biscoitos  
Mogango açucarado  
E bule de leite para todos.

Eu pedi uma sardinha.

Até que chegou lá fora  
Num branco-melado  
Um tal de Albino (ou Aquino)  
E se oitavou nos arreios  
Junto a uns gaúchos no cinamomo.

Lerdamente  
Com o mango na paleta do Branco-Melado  
Forcejando o estribo esquerdo  
Falou mal da sua *jérsi*  
Que comia roupas.



Foto: Tadeu Martins

*Anjo da Guarda*

Tadeu Martins

Técnica: tinta acrílica sobre tela

Remendou uma conversa velha  
E riu um pouco  
Depois misturou outros assuntos nas roupas  
Com os gaúchos no cinamomo.

Cuspiu e deu *tiau*  
Espichando uns gritinhos  
Chamando sua *jérsi* de Fafá.

De logo se enveredou de volta  
Volteando a toda e a vaca na frente.

Um borracho procurou os pés.

Um guri de picolé pulou numas voltas de arame  
Onde uma árvore nascia.

As avestruzes gambetearam  
Os cavalos sacudiram a crina  
As vacas leiteiras pararam o rumino  
E a paisagem se levantou  
Como se alguém tocasse um limpa-banco.

E os gaúchos no cinamomo  
Que cansavam elogios nas mulheres  
Meteram as barrigas e os braços abertos  
Para ajudar o grito do Albino (ou Aquino)  
De me ataca essa vaca!

- Áca... oh! Áca... Áca!  
Áaaaaaca...

E lá se foram reconciliados  
Homem baio-branco e vaca  
Entreabertos de lonjuras e solidões.

Quando um assunto me lembra fico até lá hoje  
Naquele PONTO DE ALMOÇO de São Miguel.

Me levo um ajeito de encruzilhada  
No costume que tenho de recontar  
Estas estorinhas  
Mais ou menos.

Tadeu Martins é escritor e artista plástico. Publicou *De Mi Flor* (poemas, 1993, Martins Livreiro - Porto Alegre) e *Cantata pra Boi Dormir* (poemas, 1995, Editora Tribuna Regional de Santo Ângelo), entre outros. Membro Fundador da Academia Santo-Ângelense de Letras.



PRIVATE

banrisul

13.07.2005 1 M 01 01 LM  
0100 35.012345.0-6  
SERGIO ROBERTO JR.

# À justiça, o que é de direito.

Private. A conta top do Banrisul.



O BANCO QUE UNE OS GAÚCHOS



Governo do  
Rio Grande do Sul  
ESTADO QUE TRABALHA UNIDO

# Missões Jesuíticas



Foto: F. Zago - Studio Z

Da série *Estudos sobre imagens missionárias*  
Paulo Porcella  
Técnica: tinta acrílica sobre papel